



MEU TRABALHO É MATAR

Do primeiro homicídio com treze anos à
situação ilegal no Presídio Feminino de Florianópolis:
a história de Vania Alexandra de Souza

Gisele Flôres

MEU TRABALHO É MATAR

Do primeiro homicídio com treze anos à situação ilegal no
Presídio Feminino de Florianópolis: a história de
Vania Alexandra de Souza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
DE JORNALISMO - 2017.1

TEXTO E EDIÇÃO
Gisele Flôres

ORIENTADOR
Mauro César Silveira

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES
Tiago Ghizoni

REVISÃO
Ana Eloise de Carvalho Flôres

CAPA
Fernanda Fonseca Machado
Tiago Ghizoni

MEU TRABALHO É MATAR — Do primeiro homicídio com treze anos à situação ilegal no Presídio Feminino de Florianópolis: a história de Vania Alexandra de Souza / Gisele Flôres; Orientador, Mauro César Silveira — Florianópolis, SC, 2017. 91 p.

Para Vania

*“A minha mãe dizia que ela
não me pariu, me cagou.
Então, muito prazer,
eu sou um cocô.”*

Vania Alenxandra de Souza

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	13
<i>Notícia de um crime</i>	15
<i>Capítulo 1</i> <i>Eu não pedi pra nascer</i>	17
<i>Capítulo 2</i> <i>Aquele lugar é uma terra sem lei</i>	25
<i>Capítulo 3</i> <i>Bênção e maldição</i>	33
<i>Capítulo 4</i> <i>O diabo é foda</i>	43
<i>Capítulo 5</i> <i>Apanhei até por dentro dos olhos</i>	51
<i>Capítulo 6</i> <i>Aí começou o inferno da minha vida</i>	59
<i>Capítulo 7</i> <i>Não dá pra imaginar o que é a cadeia</i>	71
<i>Epílogo</i>	84

APRESENTAÇÃO

Este livro não tem a intenção de esclarecer crimes, julgar ou condenar pessoas.

Vania Alexandra de Souza, a personagem principal, tem um transtorno psiquiátrico que afeta sua vida de uma maneira muito intensa, estando presente em cada fala, ato, reação. Durante nossos encontros, ela manteve uma linha de raciocínio bastante lúcida e conseguiu contar detalhes de sua história com coerência. No entanto, por diversas vezes, fez confusões e relatou mais de uma versão para um mesmo fato. Essas contradições foram mantidas no livro, pois fazem parte da personalidade e essência dessa mulher.

Nem todos os fatos presentes neste livro foram checados. Desde o início, e ao longo da produção, não tive interesse em verificar algumas informações, em razão do tipo de reportagem a ser realizada. Este é um perfil baseado na visão de si mesma da perfilada, não trazendo fontes de seus círculos sociais para descrevê-la ou acrescentar outros pontos de vista sobre ela. Um perfil “psicanalítico”, como observou o professor Mauro César Silveira; praticamente eu me sentava à sua frente e ela falava. Entre as revelações que fez, Vania citou uma série de crimes que teria cometido e pelos quais nunca foi punida. Para não comprometê-la judicialmente, decidi omitir alguns dos fatos, nomes e locais mencionados, seguindo o que aconselha a jornalista estadunidense Lillian Ross: “Só porque alguém ‘disse’ não é razão suficiente para você usar em seu texto”.

Ao longo de nossas conversas, Vania desabafou, chorou, riu, sentiu raiva, desejou coisas, mostrando que, por mais que tenha cometido crimes, continua sendo uma pessoa que preserva seus sentimentos. O objetivo principal do livro, portanto, é dar voz, humanizar e contar a história de uma mulher presidiária, integrante de uma parte da população tão indesejada e esquecida, mas que existe e precisa ser ouvida.

Espero que gostem. Obrigada!

NOTÍCIA DE UM CRIME



Notícias do Dia
UMA CIDADE INTEIRA DE INFORMAÇÃO

Notícias Esportes Plural Especiais

🏠 / Florianópolis / Notícias / Moradora de rua é presa por matar idosa, em Palhoça

Moradora de rua é presa por matar idosa, em Palhoça

Marli Maria Soares, de 66 anos, foi assassinada a golpes de chave de fenda por motivo fútil, segundo a polícia

09/09/2015 17H18

🐦 f ...

A moradora de rua Vânia Alexandre de Souza, de 33 anos, foi presa na tarde desta quarta-feira (9) às margens da BR-101, no bairro Caminho Novo, em Palhoça, por ter matado a idosa Marli Maria Soares, de 66 anos. O crime ocorreu no último domingo em frente à casa da vítima, no mesmo bairro onde foi feita a prisão. A idosa foi assassinada a golpes de chave de fenda e a pedradas.

De acordo com agentes da DIC (Divisão de Investigação Criminal) de Palhoça, Vânia ganhava roupas e alimentação da vítima e tinha o hábito de beber cachaça no bar do bairro com o marido da idosa, Osni.

No último domingo, Vânia bateu na casa de Marli procurando por Osni e começou a discutir com a idosa. O bate-boca entre ambas foi ficando cada vez mais acirrado ao ponto de Vânia, usuária de crack, partir para cima da idosa com uma chave de fenda e um pedaço de pedra. Depois de matar a idosa, Vânia fugiu.

O delegado da DIC, Adriano Almeida, ouviu várias testemunhas e conseguiu na Justiça o mandado de prisão da acusada. Ela foi interrogada na polícia e deverá ser encaminhada, nesta quarta, para o Presídio Feminino de Florianópolis.

CAPÍTULO 1

Eu não pedi pra nascer



Cabelos castanhos encaracolados, com cachinhos bem pequenos pendendo de um rabo de cavalo. Alguns fios saltam por cima e pelos lados do rosto, desorganizados. A roupa é sempre a mesma: calça ou bermuda e camiseta alaranjadas com o sutiã bege desbotado e puído aparecendo por baixo do decote em “v”. A vestimenta de um tecido duro, parecido com aquelas toalhas de mesa de aniversário infantil, deixa aparentes os quilos a mais que adquiriu nos últimos meses. Por vezes usa meias, por outras, somente as sandálias havaianas com as tiras de cores diferentes em cada pé e rasgadas em uma ou outra ponta. Os olhos pequenos e castanhos são fundos, revelam o cansaço de uma vida inteira de batalhas. Algumas vencidas, outras ainda não, e diversas perdidas. Mas ainda brilham.

A rigidez do sistema, as fiscalizações, a manutenção da ordem a qualquer custo. Grades, cadeados, chaves abrem e fecham a todo momento. Ruídos ensurdecedores. Ao contar algumas histórias, gargalha. Quando se lembra dos filhos, ora chora de felicidade, ora de saudade. Bom humor, raiva, ironia, tristeza, mas acima de tudo, esperança. Os sentimentos de quem vive em uma cadeia são deveras conflitantes. Julgada por um homicídio e declarada como inimputável pela Justiça catarinense, Vania Alexandra de Souza vivia até junho de 2017, há um ano e nove meses, no Presídio Feminino de Florianópolis enquanto aguardava a liberação de vaga em uma clínica de reabilitação psiquiátrica.

A história desta mulher começou a ser escrita bem antes, há mais de 30 anos. Osmar de Souza era um boêmio clássico. Vivía em bares, sempre rodeado de mulheres. Também pudera. Era uma espécie de Elvis Presley brasileiro. De origem italiana, moreno dos olhos verdes, tinha costeletas feitas em barbearia e ostentava um vistoso topete. Usava camisas de botões, abertas até a altura da base do peito, deixando à mostra muitos pelos. Carregava sempre

consigo um pente no bolso da camisa e, a cada dez minutos, passava os dentes do objeto pelos fios lisos do cabelo escuro. Bancário, vestia calça social e estava sempre com o sapato bem engraxado.

Chamou a atenção desse boêmio a jovem Euda Maria de Souza. Negra, bonita, os cabelos alisados formavam ondas quando jogados para o lado. Era negra com nariz de branca, fino e comprido. Tinha em torno de um metro e cinquenta de altura e pesava uns 48 quilos. Trabalhava como diarista e fazia programa. Encantada com a pinta de rico e um pouco com os olhos claros de Osmar, Euda o observava pela janela de sua casa quando passava na rua. Havia no bairro Colônia Augusta, em Curitiba, uma linda mansão no alto de um morro. Osmar dizia a Euda que se casaria com ela e morariam lá.

Juntaram os trapos e, como era de se esperar, não foram morar na mansão, e sim na casa da mãe de Osmar. Após alguns anos vivendo juntos, mudaram-se para sua própria residência, no Colônia Augusta. O bairro tinha casinhas de madeira pequenas, alguns barracos feitos de lona onde viviam pessoas em situação de rua e ciganos. Na época, ainda havia muito mato, era bastante isolado. Aí começaram a aparecer as complicações da vida de um casal de alcoólatras. Era um relacionamento de altos e baixos muito intensos, às vezes eles brigavam e dali a pouco já estavam se beijando. Osmar bebia na rua, chegava em casa e batia em Euda. Abandonava a mulher, não aparecia por mais de um mês. Vivia para cima e para baixo com diversas outras mulheres.

Foi então que Euda engravidou de seu primeiro bebê. Nem todas as mulheres do mundo têm o sonho de ser mãe e, ainda assim, não utilizam métodos contraceptivos. Essa mulher era uma delas. Depois de feito o “estrago”, tomou chá de arruda com cibalena, que as mulheres preparam para ajudar a descer a menstruação quando está atrasada. Por várias vezes enfiou uma sonda em sua vagina para tentar alcançar o útero e destruir o que havia lá dentro.

Jogou-se de barriga no chão para tentar acabar com a vida daquele feto indesejado que carregava. Ela odiava a gravidez e não tinha condições financeiras para buscar ajuda médica. Teve que tentar sozinha. Mas infelizmente, para ela, não conseguiu e a criança veio ao mundo.

Por sorte, ou talvez nem tanta, naquele dia 11 de maio de 1982, Osmar estava em casa quando a bolsa de Euda rompeu. Havia bebido naquela tarde, como em todas as outras tardes, mas pegou o carro para levar a mulher à maternidade. Em uma rua na lateral da Praça do Expedicionário, o homem perdeu o controle e o veículo capotou, atingindo o monumento de um avião no centro da praça. Euda e a criança na barriga quase morreram, mas foram socorridas e levadas até o hospital para realizar o parto imediatamente. Osmar foi preso em flagrante por predação do patrimônio.

Vania Alexandra de Souza nasceu saudável, só não benquista. “A minha mãe dizia que ela não me pariu, me cagou. Então, muito prazer, eu sou um cocô”, declara, sorrindo. Viveu com uma tia até os seis meses, quando a mulher faleceu, e então voltou para a casa da mãe. Os costumes do pai não mudaram quando chegou a criança, ele continuava passando dois, três meses fora de casa. “Aí, conforme eu fui crescendo, ele foi ficando cada vez mais ausente. Tinha vezes que eu via meu pai só no dia das crianças, tinha vezes que eu via meu pai só no meu aniversário, tinha vezes que eu via meu pai só no Natal”. E a mãe se entregou à bebida. Começou a deixar as coisas de lado. “Ela não fazia comida, dormia e acordava tarde, não tomava banho, começou a receber homens em casa”. As brigas com a criança eram constantes, as pauladas também. “Uma vez ela chegou a arrancar um pau de uma cerca, com prego e tudo, desse tamanho — separa as mãos o máximo que consegue por conta dos punhos algemados — , acertou em mim e eu fiquei grudada, saí correndo com o pau na minha bunda”, ri. Em seguida, os olhos se

enchem de lágrimas e a voz embarga. É um momento de sua vida que traz à tona sentimentos contraditórios.

Vania não sabe como conseguiu, mas estudou até a quinta série do ensino fundamental. A professora era quem doava os materiais e ela acredita que foi a vizinha quem a matriculou na escola, porque sua mãe não tinha responsabilidade por nada. Quando ia para o colégio caminhando, sozinha ou com algumas amigas, pedia bênção à mãe, que concedia com um tom de ironia, de uma forma que mais parecia uma maldição. “Eu lembro de um dia que ela disse: ‘Tomara que o diabo te leve pra escola’ e eu lembro bem que tinha alguma coisa no mato me seguindo até lá, eu caminhava e parecia que alguma coisa caminhava junto comigo”. Sua vida sempre foi cercada pelas magias obscuras que ela via na Umbanda, sua avó era quem a enfeitiçava, acredita. Vania lembra do frio que passava, saía muitas vezes com os pés descalços e sem agasalho. “Faltava roupa. Não só pra mim, pros meus amigos”, para de falar e começa a chorar. Reflete por um longo momento: “Eu lembro como se fosse hoje o dia que dois amiguinhos da minha escola morreram de frio”. E soluça.

— Desculpa por estar chorando... — diz, enquanto seca as lágrimas com a ponta dos dedos.

— Imagine! Desculpe eu por fazer você falar sobre essas coisas. — eu digo, com a consciência pesada.

— Ah, não, mas é bom desabafar. Eu tava muito precisando falar sobre essa parte da minha vida... Sabe o que é tu achar que a pessoa tá dormindo, tu ir acordar ela e a pessoa não se mexer mais?

Naquela manhã de segunda-feira, Vania não tinha aula e não estranhou quando a mãe alcoólatra, que acordava já procurando a bebida, pediu que fosse buscar café na casa do vizinho. A violência

que sofria diariamente não diminuía sua obediência e respeito pela mãe. Então, como sempre fazia o que Euda lhe pedia, foi até a casa do homem. Quando chegou lá, deu três batidinhas na porta com a mão que não segurava a caneca e perguntou ao Divonzir se ele tinha café. O homem alto e gordo deixou a porta entreaberta e pediu que ela entrasse. Foi somente depois de já estar no recinto que a menina viu: Divonzir estava totalmente sem roupa esperando por ela. Ele a agarrou com os braços fortes e tentou estuprá-la enquanto ela sacudia seu corpo virgem e magrelo para se desvencilhar. Conseguiu escapar e foi correndo para onde acreditava — não sabia porquê ainda acreditava nisso — que estaria protegida.

Chegou em casa chorando, com o olhar assustado e contou para a mãe o que tinha acontecido na casa do vizinho. Mas ela já sabia. E mais: havia armado aquilo para a filha. “O que é só mais um pra ti? Tu já tá na fita há muito tempo”, disse a mãe. Começou ali uma luta: Vania tentou enforcar a mãe, que por sua vez, como tinha força superior, grudou a filha na parede e arranhou todo seu rosto. Depois de muito choro e xingamentos, a menina que sonhava apenas em ter uma família feliz escolheu sair de casa e viver por conta própria nas ruas de Curitiba. A decisão não foi pensada duas vezes. Vania sentiu-se livre das garras da mãe, que tanto a machucava, mas ao mesmo tempo estava decepcionada. Ela acredita que as pessoas pensam em sair de casa quando casam, ou quando arrumam um emprego. Mas não da forma como ela saiu. “Às vezes, na verdade eu tenho muita raiva dentro de mim, às vezes eu tenho vontade de me revoltar mais ainda. Porque eu não pedi pra nascer, eu não pedi pra ser assim”, desabafa.

Ficou perambulando pelos arredores do rio Passaúna por cerca de uma semana, mas sofreu muito com o frio e resolveu voltar para casa. “Daí ela [a mãe] perguntou o que eu tava fazendo ali e disse que era pra eu voltar pra rua. E aí eu peguei e fui morar na rua, me juntei

com as piazzada. Eu já tinha uns coleguinhas que moravam por ali”. Os vizinhos ajudavam as crianças quando pediam coisas, os pescadores davam peixe. E Vania era querida entre os colegas. Era conhecida como Zé Pedra, “mas não porque eu fumava pedra, porque eu era boa de mira pra atirar pedrinha nas coisas”. De Zé Pedra, Vania passou a ser chamada de Maria-Cadela, porque ela cuidava de mais de dez cachorros de rua, e eles cuidavam dela também. “Os cachorros eram feios, tadinhos. Todo o dinheirinho que eu ganhava na rua eu usava pra cuidar deles. Daí eles ficaram lindos”.

Quase todas as crianças que viviam com Vania moravam igual ao povo cigano, com lonas montadas em forma de acampamentos, e tinham a mesma situação familiar que ela. Todos tinham pais alcoólatras e violentos, vidas parecidas com a que Vania levou até sair de casa. Na periferia, ali onde viviam, era normal que as crianças com oito ou dez anos estivessem na rua. Viviam como adultos, roubando, comprando armas e drogas. “A gente era delinquente. A gente roubava, cheirava cola. A gente não era criança assim boa. As brigas dos meninos sempre deixavam alguém bem ferido e também havia mortes no meio da gente, havia armas. Os meninos sempre conseguiam 32 ou 38”. A maioria dos crimes era cometido por crianças e adolescentes com, no máximo, 17 anos. “A idade máxima pra se viver lá em Curitiba na minha época era 20 anos, não se sobrevivia pra ser adulto. Só entrando pra uma igreja ou tendo o resgate da família novamente”.

Certo dia, os amigos de Vania foram manguear (pedir comida e dinheiro na rua ou nas casas das pessoas) no centro e ela resolveu dormir um pouco mais. Ficaram só ela e seus cachorros. Quando acordou, decidiu descascar e comer uma laranja. Pegou a faca e a fruta e deixou apoiadas em uma cadeira, que era o máximo de infraestrutura que tinham na cabana de lona. Ficou de pé descascando a laranja, olhando para o mato do lado de fora da

porta e sentindo o cheiro da natureza que a rodeava. De repente, seus cachorros começaram a latir. Vania acha que os animais eram médiuns, que sabiam quem podia chegar perto dela e quem não podia. Avançavam em quem achavam que representava algum perigo para ela. Seu preferido era o Apolo, um cachorro salsicha bem pequenininho. “Foi quando eu vi chegando um homem chutando meu cachorro. Voou longe o meu Apolo”. O homem vindo era Madalena, um conhecido estuprador e assassino de meninas novinhas da região. Ele chutou o cachorro e partiu para cima de Vania. “E aí eu já ouvi vozes (eu ouço vozes na minha cabeça) e as vozes disseram: ‘Enfia a faca no pescoço dele igual se fosse um porco, você consegue’”.

CAPÍTULO 2

Aquele lugar é uma
terra sem lei



O homem violento aproximou-se da adolescente, com a voz mansa, afirmando que sentia sua falta — já se conheciam de outros tempos — e que a mãe dela havia pedido que ele fosse lá ver como Vania estava. Ela disse que tudo estava bem e, para seguir o que as vozes aconselharam, chamou-o para receber um abraço e um beijo dela. O volume na parte da frente da calça jeans já era perceptível quando ele abriu o botão e o zíper deixando à mostra seu membro e partiu para cima dela. Vania pegou a faca de cima da cadeira e, em um ato impulsivo, enfiou o objeto no pescoço do estuprador. Bem em alguma artéria, próximo à saboneteira do ombro esquerdo. O sangue já escorria pela coxa de Madalena, que olhava incrédulo para aquela pequenina, quando ela deu a segunda facada. Desta vez, no meio do peito. O sangue começou a jorrar muito forte, espirrava como um chafariz, e Madalena assustou-se quando se deu conta de que aquilo estava saindo dele.

O homem ainda tentou ir para cima da garota, cambaleou em sua direção. Ela desviava, ele cambaleava, ela desviava, ele cambaleava até que não aguentou mais seu peso nem a dor e foi ao chão, um pouco para fora da porta de lona da cabana de Vania. “Onde nós morávamos tinha um monte de mato até chegar nas pessoas. E ele foi se arrastando por mais ou menos uns dois quilômetros, até quase a beira do rio, e morreu lá”. Vania suspeita de que as pessoas que passaram por ali não socorreram o homem porque acharam que ele estava bêbado, ou então já sabiam quem ele era e não quiseram socorrer. Na faca, o sangue se misturava a um restinho de suco de laranja. “Na hora que ele saiu eu fiquei assustada, tava toda suja de sangue. Mas passou e eu continuei descascando a minha laranja”.

As cenas intensas daquela manhã não saem de sua cabeça. “Até hoje eu lembro bem certinho, eu chego a sonhar. Quando aconteceu esse homicídio com o Madalena eu fiquei meio sem

dormir, fiquei anos assim meio fora do ar. Quando ele veio pra cima de mim eu pensei ‘ele vai me matar’. Eu senti isso. Então aquilo ali me deixou também nervosa, né. E eu só fiz isso pra me defender. E se não fosse eu seria outra, eu só ia ser mais uma vítima. Mas era pra ser, era o meu destino. A minha avó falou que enquanto eu não derramasse sangue, o meu seria derramado. E, realmente, no ventre eu já sofria. Até hoje parece que enquanto eu não me dou uma machucadinha a tentação não para. Às vezes quando eu não posso machucar ninguém eu tenho que me machucar pras coisas apaziguarem pra mim”.

— Mas você tem vontade de machucar as pessoas? — tentei confirmar com ela.

— Eu não tenho vontade, mas às vezes quando é necessário... É uma coisa que surge. Na verdade eu não quero, mas o destino coloca as situações para que eu faça. — explica, com a expressão serena.

Quando os meninos voltaram do centro, contaram para Vania que o tal Madalena tinha sido encontrado morto ali na região.

— Eu já sei disso. — retrucou, enquanto alisava seu cachorro.

— Você viu eles matando ele? — perguntaram assustados.

— Não. Fui eu que matei. — todos riram.

E, assim, Vania passou a ser carinhosamente chamada por seus amigos de Tina, abreviação para Tramontina, a marca da faca com que descascou sua laranja.

A polícia de Curitiba localizou o corpo e foi atrás das crianças do rio Passaúna. Levaram todos para o CEDIT¹. A voz de Vania falha

¹ Centro de Estudo, Diagnóstico e Indicação de Tratamento - centro de reclusão para menores infratores em Curitiba.

ao relembrar do porão grande, sujo e fedido onde ficavam jogados no chão de terra batida cerca de 70 menores infratores. “As crianças faziam xixi e cocô no chão, num cantinho específico pra isso, mas daí escorria tudo pros lados e os bichos se proliferavam por toda parte. Aconteciam estupros lá dentro, as meninas tinham que procurar parecer mais menino possível. Por isso a gente cortava o cabelo, andava que nem menino”. No local havia também violência gratuita sendo praticada contra as crianças. Quando os oficiais queriam dar banho nos menores, apertavam a ponta da mangueira para direcionar o jato com maior força e despejavam aquela água gelada nos pequenos de roupa e tudo. No frio de Curitiba. Às vezes os funcionários do CEDIT entravam no porão do nada com aqueles cacetetes de borracha e batiam, espancavam as crianças. “Simplesmente pra tirar o veneno deles, eles tinham prazer em bater. Eles tinham aquelas maquininhas que dá choque [taser]. Era bem violento. Eu vi duas crianças morrerem lá dentro, não foi fácil. Curitiba é uma terra sem lei”.

No CEDIT existia uma política de aguardar por até dois meses o contato dos familiares das crianças. Após esse período, as assistentes sociais do Centro conversavam com os menores para descobrir o nome dos pais, endereço e tentar encontrá-los para comunicar que seu filho estava ali. Foram dois meses de mãos e pés gelados dentro do porão, porque Euda não procurou pela menina Vania. “Ligaram pra minha mãe me buscar e, ao invés disso, ela foi até lá e me emancipou”, embora ela não saiba explicar legalmente como isso aconteceu. “Ela me deixou como se eu fosse ‘de maior’. Ela lavou as mãos, me deixou lá. Com 13 anos eu era responsável pelos meus atos. Fiquei de cara com isso aí. Isso aí me quebrou as pernas”, diz, com a voz embargada e os olhos marejados. “Daí fiquei mais dois meses no porão e depois voltei a morar na rua. Aí quando eu saí de lá eu já saí pirada, eu não era mais a mesma”.

Novamente nas ruas, Vania conta que viveu uma das melhores fases de sua vida, dos 13 aos 17 anos. “Porque a gente roubava muito”, ri bastante. “A gente foi se aprimorando no crime e eu não fui mais presa. Só vim presa agora depois de muitos anos. Mas dos 13 até os 17 anos, até eu sair da rua, a gente roubava muito! A gente ia no cinema, nos parques. A gente fazia arrastão, como no Rio de Janeiro. Roubava as pessoas no centro de Curitiba. Era normal correr da polícia, correr de tiro”. Até que, um dia, uma senhora muito gentil apareceu no seu caminho. Vania e os amigos estavam fazendo arrastão no centro da cidade quando ela roubou dinheiro dessa senhora.

— Não precisa me roubar, eu te dou. — disse dona Benta, a senhora com nome de santa.

— Ah, não, mas roubar é mais gostoso! — retrucou, sorridente, a menina magrela.

— Passa aqui amanhã no mesmo horário, eu quero falar contigo.

— Só se a senhora for me dar dinheiro.

E ficaram combinadas assim. Passaram a ser amigas: todos os dias encontravam-se no mesmo local e Benta dava dinheiro, comprava pão com mortadela e falava de Deus para a criança. Ela era da Assembleia de Deus, uma senhora crente. Até que um dia perguntou sobre a família de Vania. Sua mãe, seu pai. E a menina contou sua história e os motivos de ter ido parar onde estava. “Daí ela queria ir lá na minha casa me pedir pra minha mãe. Mas eu disse que não adiantava ela me pedir pra minha mãe porque a minha mãe já tinha me dado pro mundo, me emancipado. Aí ela perguntou se eu queria ir morar na casa dela. E eu peguei e fui”.

Para uma criança acostumada a viver nas ruas, a vida em uma casa não é tão fácil de se adaptar. Vania saía todos os dias de manhã

cedo, aprontava todas, voltava tarde e dormia. Assustada com a forma como a menina estava lidando com a nova situação, dona Benta começou a levá-la na igreja. Convivendo com Benta e a família, Vania acabou, como ela própria ironiza, “aceitando” Jesus. “Deus começou a tocar no meu coração, eu comecei a sentir a presença de Deus. No fundo, eu era uma criança boa, eu não era ruim.”

Depois de um tempo frequentando a igreja, Vania deixou-se encantar pela beleza e pelas pregações de um dos pastores. Luis, filho de Benta. “Ele tinha 21 anos. Eu achava ‘nossa, esse é um homem de Deus, é um homem abençoado. Esse é o homem que eu quero casar, é o homem que eu quero pra mim, é o homem que vai mudar a minha vida’”. E Vania acabou casando-se com ele. Já vivam juntos antes do casamento, afinal Benta morava com o filho quando pegou Vania para criar, mas agora eram unidos por laços matrimoniais. O pregador exemplar, que proferia belas palavras e convencia as pessoas daquilo que dizia no púlpito, mas por trás deste, sequer ouvia os lamentos dos fieis. O conto de fadas virou história de terror.

Vania foi descobrindo com o tempo que Luis era muito “mão-de-vaca”: “Quando a gente ia no mercado, ele só comprava arroz, feijão, macarrão, assim, o grosso. E eu não podia passar um pacote de bala, um docinho, uma frutinha, uma coisinha diferente que ele voltava. Então eu passava no caixa, e ele voltava, e eu passava, e ele voltava e era aquela vergonha que eu passava. Eu ficava com vontade de comer as coisas e ele não deixava”. Algo que Vania aprendeu durante o tempo em que viveu nas ruas, que não precisava ouvir de pregador de igreja nenhum, era que as pessoas que necessitavam mereciam atenção. “Se fossem na casa da gente pedir alguma coisa a gente tinha que dar, tinha que ajudar. Porque a palavra de Deus alimenta espiritualmente, mas não alimenta fisicamente”. Mas Luis não tinha espaço em sua ganância para esse sentimento de altruísmo. Ele pregava a palavra de Deus, mas às vezes a pessoa

não queria ouvir porque estava com fome, só queria uma ajuda para comprar um prato de comida. Ele virava as costas e deixava a pessoa sozinha, conta Vania.

“Conforme eu fui percebendo essas coisas, em quase um ano que estávamos casados, eu fui criando um ódio dele. Então, a pessoa que eu admirava tanto, eu comecei a odiar. Eu quase matei ele, tá?” Com uma expressão de extrema ironia, até no tom de voz, Vania descreve o que fez com Luis para tentar matá-lo. Ela conta que pegava barata, espremia o inseto e misturava aquela gosma branca na comida dele, no arroz com feijão. Levantava os tocos de madeira do quintal, onde viviam alguns bichos-do-pau, um branco grande, espremia os bichos e botava na comida dele. “Ele ficava com a boca toda cheia de ferida”. Vania também comprava o ácido desentupidor de pias e ralos “Diabo Verde” e colocava na sopa verde de repolho com ervilha que preparava para o marido.

— Tava gostosa a sopa, amor? — perguntava, torcendo para que ele não conseguisse responder, se engasgasse e morresse.

— Tava, sim. Só me deu um pouquinho de azia. — respondia Luis, enrugando a testa.

As reações do marido impressionavam. “Filha da mãe! Nem dava nada nele. E era ácido, era como se fosse soda cáustica! Era um desentupidor de pia! E eu colocava na sopa dele. E dava só azia. Só isso, menina! Não dava nada nele. Aí eu me indignei e falei: ‘Não, vou me separar’”. Quando se separou do “crente falcatrua”, como Vania chama Luis, ela seguiu para o Graxaim, “puteiro” em Curitiba que sabia que seu pai frequentava. Chegando lá, os bêbados do bar disseram que Osmar estava em Santa Catarina, em sua cidade natal, Brusque. Foi aí que ocorreu a Vania a ideia de mudar-se para o estado catarinense. O pai estava procurando um terreno para

viverem, ele e a esposa, em Barra Velha, cidade mais calma onde vivem muitos aposentados e pescadores. “A minha mãe tava muito perdida lá em Curitiba e o meu pai ainda gostava um pouco dela. Ele tava tentando trazer ela pra cá [Santa Catarina]”. Mas, ao invés de ir até Brusque procurar pelo pai, Vania decidiu ir para Joinville. “Daí eu conheci Joinville, fiz um monte de amizade com travesti, com puta, com traficante. Só com quem não presta”, diz, com olhar de criança que aprontou.

CAPÍTULO 3

Bênção e maldição



Jaraguá do Sul trouxe uma esperança a Vania de recomeçar, construir sua vida do zero. Após sua passagem relâmpago por Joinville e ao chegar na cidade de 167.300 habitantes¹, importante centro catarinense da indústria têxtil, pensou: “Quer saber? Eu vou tomar um rumo na minha vida”. Aos 18 anos, decidiu trabalhar e começou a procurar emprego. A fábrica que a contratou chamava-se SuCats, primeiramente na função de faxineira. “Da limpeza, [comecei a trabalhar] como passadeira, depois revisora, depois talhadeira e depois costureira. Eu consegui fazer uma profissão boa, que é costureira. E eu morava bem pertinho da fábrica, eu tinha tudo. Por isso que a minha vida é muito louca”.

Vania morava em uma quitinete suficientemente mobiliada pela qual pagava um aluguel mensal de 400 reais. Para alguém que vivia sozinha e recebia quase mil por mês, sobrava uma quantidade razoável para se manter. Ainda assim, Vania não se sentia satisfeita, não estava feliz. “Porque era uma vida vazia. Eu trabalhava de segunda à sexta-feira, das oito da manhã às cinco da tarde. Mas eu chegava em casa e não tinha ninguém pra conversar, não tinha uma companhia. Não tinha pai, praticamente, não tinha mãe, não tinha ninguém, não tinha namorado. Me sentia só. Por isso eu fazia hora extra até tarde, até dez horas da noite, pra eu poder preencher esse tempo vazio”.

Nos finais de semana, Vania até que tentava se divertir. Ia para as boates Líder Clube ou Chopp & Clube, dançava, tomava umas cervejas com sua vizinha e amiga, uma linda travesti chamada Poli. Ficava com um ou outro guri, mas nunca se apegava a nenhum para ser seu namorado. “E aí eu fui sentindo aquele vazio, e o que eu fiz: entrei na cocaína. Me afundei na cocaína, eu trabalhava só pra pagar o aluguel e o resto eu cheirava tudo”. A fase das drogas, que começou com o pó, se ampliou para outras substâncias, o que ela diz ter culminado em sua primeira “cadeia”.

1 Dados do censo de 2016 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“Isso foi lá em Guaramirim, por volta do ano 2000, onde me deram o apelido de ‘chuva’”. Naquele dia, tinha feito sua terceira tatuagem, rosas no braço direito, graças à venda de uma geladeira. Com o restante do dinheiro, havia comprado drogas. Em Guaramirim, cidade próxima a Jaraguá do Sul, tinha uma represa onde os jovens passavam o tempo usando drogas. Estava ela com alguns amigos fumando um baseado quando a polícia chegou. Por denúncia de alguém ou por ronda habitual, Vania não lembra ao certo. “Eu tinha comprado umas petecas de maconha, umas petecas de fumo, umas petecas de pó. Pra vender e pra consumir também”. Então, mais rápida do que na época em que corria de tiro nas ruas de Curitiba, Vania escondeu dentro do guarda-chuva preto, que havia levado por conta do temporal daquele dia, todas as petecas que tinha consigo.

A polícia recolheu o pessoal e levou para a delegacia, “por causa de um baseado”, para prestar depoimento e assinar um termo circunstanciado. Todos ficaram sentados em um banco na delegacia, aguardando sua vez de assinar e responder às perguntas do policial. Vania foi uma das últimas. Foram todos registrados e o delegado estava liberando um por um quando percebeu o guarda-chuva dela no canto do banco.

— E esse guarda-chuva aí? — indagou o policial.

— É meu, senhor. — disse, assustada com a possibilidade de o policial encontrar o que havia dentro do objeto.

— Pois me dá ele aqui que eu quero ver! — ordenou.

— Não, senhor. O guarda-chuva é meu. Já estou indo embora.

— Vania ainda tentava evitar o pior.

— Não me interessa! Me dá aqui! — a voz ecoava por toda a delegacia.

— Não! — gritou, finalmente, alcançando o guarda-chuva.

Vania começou a puxar de um lado, o policial do outro, e a briga estendeu-se por algumas batidas do ponteiro dos segundos até que o guarda-chuva se abriu. ‘Tchuf!’ Uma chuva de drogas! “Um monte de petecas, mais ou menos umas dez de pó, umas dez de maconha... Na hora que choveu a droga eu fiquei com cara de tacho, não fiz nada, né... ‘Agora sim tu tá pega’, o delegado disse”. Guaramirim é uma cidade com aproximadamente 41.880 habitantes² onde os fatos e boatos circulam muito rápido. Então, no dia seguinte, ela foi capa de jornal: “Chuva de drogas. Meliante presa com guarda-chuva recheado”.

Depois desse episódio, mas ainda perdida no mundo das drogas, Vania voltou para casa e conversou muito com Poli, que a chamava pelo apelido de “Franguinho”, porque era muito magrinha. Um dia, a amiga veio com um assunto que mudaria a vida de Vania.

— Franguinho, tu tem que sair dessa, tu não pode ficar assim, tu não pode ser desse jeito. — dizia Poli, sorrindo e mantendo uma atitude positiva para animar Vania.

— Tá, mas o que eu vou fazer da minha vida? Eu não tenho pai, eu não tenho mãe...

— Por que tu não tem um filho?

— Verdade, cara. Se eu tiver um filho eu vou ser a pessoa mais poderosa do mundo. Porque eu vou ter uma companhia, eu vou me sentir uma rainha, vou ser soberana porque ele vai me amar. E ele vai me chamar de mãe, a coisa mais sagrada do mundo! — exclamava, emocionada com a possibilidade de ser feliz novamente.

“Aí eu decidi ter um filho”. Arrumou um namorado. Em algumas semanas a barriga de Vania começou a crescer e os seios avolumaram-se. Com praticamente certeza de que estava grávida,

² Dados do censo de 2016 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

foi a um hospital e fez exame de sangue, mas obteve resultado negativo. O médico logo pediu um ultrassom: “Tu vais fazer mais uns exames ainda hoje e amanhã vais operar”, disse o especialista. Vania tinha um tumor em seu ventre. Foi no Hospital Santo Antônio, em Guaramirim, que retiraram dela um cisto cor de abacate, com alguns pedaços de osso que pareciam dentes e alguns fios de cabelo. Vania tenta demonstrar o tamanho, mas os punhos algemados não permitem alcançar a real dimensão de seu cisto. “Eles tiraram aquilo, botaram naquelas tigelinhas de prata e mostraram pra mim. Eles foram muito sarcásticos, porque falaram assim: ‘Olha aqui o teu bebê...’”, emociona-se ao falar sobre isso. Depois de mais essa decepção, Vania caiu nas drogas novamente.

Um dia em que ela estava “limpa” Poli chamou-a para ir a uma festa. Arrumaram-se e foram. Estavam na esquina da rua onde seria o evento e já era possível ouvir os batuques dos tambores. “Chegamos lá e era uma festa de Cosme e Damião. Mas eu achava que era uma festa de verdade, não de macumba. E eu tinha tipo um preconceito por causa da minha avó”. Mas o que Vania não sabia era que existia o que ela chama de “lado bom” da Umbanda.

A festa de Cosme e Damião, os Erês das crenças africanas, representa a alegria das crianças. Cosme e Damião foram médicos santificados por sua atuação ao cuidar e alegrar enfermos e jovens carentes com doces e brincadeiras. Na celebração, que ocorre no dia 27 de setembro, são distribuídos doces e brinquedos infantis para preservar a criança interior de cada um. Quando Vania chegou à festa, logo viu os homens usando bonés, as mulheres com chiquinha e chupeta. Todos comiam muitos doces e engatinhavam pelo chão de terra ou brincavam de boneca. “São tudo uns retardado da Apae, né, tudo uns loucos... O que que eu tô fazendo aqui?”, pensou. “De louca já basta eu”.

Enquanto Vania tentava ir embora e Poli tentava convencê-la a ficar na festa, veio um homem com um bonezinho virado pra trás, com uma lata de leite condensado e um pirulito dentro. Ele representava, naquele momento, o São Jorge da igreja católica, sincretizado na forma de Ogum da Umbanda. Aproximou-se de Vania e levantou sua camiseta, deixando a barriga dela à mostra. “Aí ele melou a minha barriga com aquele leite condensado com pirulito. E eu era bem braba”.

— O que que é isso? — esbravejou Vania.

— Tu não quer ter nenê? Então tu vai ter. — sussurrou o homem fantasiado de criança.

— Poli, tu falasse alguma coisa? — quis saber da amiga.

— Não, não falei nada. Viu como o bagulho é real? Eu não falei nada, ele que adivinhou! — disse Poli, orgulhosa por ter levado Vania na festa.

— Se tu quer ter neném, tu vai ter. — reiterou o homem do leite condensado.

— Eu digo pra ti uma coisa: se eu engravidar, eu volto aqui pra te dar o que tu quiser. — respondeu, com a fé recuperada.

Vania começou a sair com um rapaz loiro dos olhos claros, como ela gostava. Um mês depois, passou a sentir enjoos. Finalmente estava grávida! Desejava tanto ter um filho que o queria só para ela, nem contou ao pai do bebê e simplesmente desapareceu com a criança na barriga. “Aí peguei um monte de maria-mole, pé de moleque, chupeta, um monte de coisa, fui lá no terreiro de macumba e levei pros Cosme e Damião”. Em forma de agradecimento e homenagem, batizou seu menino de Jorge.

Nessa época, os pais de Vania haviam construído uma casa em Barra Velha e estavam morando lá. Ela largou o serviço de

costureira em Jaraguá e voltou para a casa de seus progenitores. Os pais estavam parando de beber, só tomavam uma cervejinha. O reencontro com a mãe, após anos sem contato, foi bom para Vania porque quando Euda estava na presença do marido “se dava ao respeito” e era outra pessoa. Os conflitos da infância e adolescência foram relevados por algum tempo em prol do bebê que estava a caminho. “Foi a gravidez mais maravilhosa do mundo, foi a época mais feliz da minha vida. O meu pai foi como um pai pro meu filho, os vizinhos davam presentes, todo mundo ajudou”.

A vida em Barra Velha era calma como a cidade. Vania só fazia fumar maconha. “O meu neném nasceu bem calminho, deve ser por isso. Os vizinhos nem notavam que tinha criança em casa. Ele nem chorava, só fazia ‘nhé!’ Pronto. ‘Nhé!’” — ri bastante com a lembrança. O pai de Vania não estava mais bebendo, mas a cirrose ataca o fígado mesmo depois de ter parado. “Aí eu tive uma bênção e uma maldição: o meu filho nasceu e o meu pai morreu. Na mesma semana! Meu filho, Jorge, nasceu dia 27 de julho e meu pai morreu no dia 2 de agosto”.

Com a morte do pai, a mãe de Vania entrou em depressão. Não penteava mais os cabelos, não escovava os dentes, não levantava da cama nem para tomar banho. Só se alimentava quando a vizinha levava comida para ela e tentava fazê-la comer. O dinheiro do mês estava chegando ao fim, a dispensa ficando vazia. Faltava arroz, feijão, pão, carne, leite. Faltavam fraldas para o bebê e Vania rasgava lençol para usar no lugar. “Os vizinhos, que antes nos ajudavam, começaram a virar as costas pra gente. Eu batia na casa dos vizinhos pra pedir ajuda, e eles ficavam bem quietinhos lá dentro”, Vania encolhe-se como quem tenta se esconder, como os gestos de uma criança. “Fingiam que não tinha ninguém, pra não me ajudar”.

Jorge teve, nesse mesmo período, um ressecamento das secreções de seu corpinho. “Ele chorava muito pra fazer cocô, saía

sanguinho da bundinha do meu menino”. A criança estava com uma assadura na região das nádegas que só seria curada com uma mistura das pomadas Violeta Genciana e Hipoglós. Mas Vania não tinha dinheiro para comprar. O choque com a morte do pai e o estresse gerado pela decadência sem perspectivas de melhoras da família, fizeram com que ela ficasse muito magra e seu leite secasse do peito. “Eu cheguei ao extremo de misturar água com farinha pra dar pro meu filho mamar”.

Não mais suportando a situação que estavam vivendo, deixou o filho na cama velha de casal ao lado da mãe, pegou sua bicicleta, pedalou por cinco quilômetros até a BR-101 e chegou a Navegantes. Quando parou um Uno vermelho raspando os pneus da lateral direita do carro no meio-fio próximo a ela, seus olhos brilharam com a possibilidade de ser um cliente. “Finalmente vou conseguir comprar as pomadas pro meu filho”, pensou.

— Que tu tá fazendo aí, sua drogada, sua seca? — perguntou o homem, espichando a cabeça na direção da janela do passageiro. E Vania estava seca mesmo, mas era de sofrimento, e não de droga. — Não vê teu peito escorrendo leite? Tu deve ter uma criança pra amamentar e tá aí se prostituindo.

— Não, mas eu não tinha leite! — olhou para os seios e viu, chocada, que o leite estava mesmo escorrendo. — O meu filho tá lá em casa e eu vim me prostituir porque eu não tinha leite pra dar pro meu filho!

— Então entra aí, sua vagabunda, porque se tu tá falando a verdade, tu tá salva.

O desespero era tanto que ela entrou no veículo do desconhecido. “No carro dele tinha só cheiro de fumaça de crack, guria. Atrás assim tinha uns pedaço, umas pedras de crack, cachimbo, isqueiro. No porta-luvas dele já dava pra ver uma pistola”. Vania contou sua história

para o estranho. Falou que o filho nasceu, o pai morreu, a mãe estava depressiva na cama, a ferida do filho não cicatrizava, as empresas estavam para cortar luz e água porque as contas não foram pagas, não tinha comida na geladeira nem nos armários... E o estranho, que ouvia atentamente, começou a se afastar de Navegantes e levá-la de volta para Barra Velha. “Não, moço, me deixa aqui! Por favor! Eu preciso fazer um dinheiro”, disse, angustiada. Mas o homem seguiu em seu caminho, inexorável.

O estranho do Uno vermelho foi até a casa de Vania. Ele viu Euda na cama, Jorge chorando. Como o leite tinha voltado ao peito, Vania já pegou a criança no colo e amamentou-a com toda a força que ainda restava nela. O homem pediu licença, abriu os armários e a geladeira. Não tinha nada dentro, de fato. “Daí ele me levou no mercado. Meu Deus do céu, ele comprou quase mil reais de comida, coisas pra casa e pra criança”.

Os vizinhos, aqueles que não queriam abrir a porta para ajudar quando Vania e a família passavam necessidade, abriram rapidamente seus congeladores para emprestar lugar para ela colocar as carnes que o estranho comprou. Em sua geladeira não tinha espaço para tantos alimentos. Os armários ficaram entupidos de mantimentos e, para quitar água e luz, o homem deixou 200 reais. Com tudo feito, mandou Vania entrar novamente no carro dele.

— Eu quero te dar uma coisa. — disse, abrindo o porta-luvas.
— Pega esse [revólver calibre] 38 aqui pra ti. Tu é muito bonita, não vai se prostituir, tu vai roubar.

— Mas eu não sei roubar!

— Na hora da necessidade, qualquer um aprende. — e foi aí que o estranho apresentou-se, entregando a ela seu cartão de visita.
— Tu sabe quem eu sou?

— Não sei, senhor. — respondeu, assustada.

— Eu não trabalho com pouca droga, eu trabalho com contêiners. Eu transporto droga daqui pra Europa e da Europa pra cá. Até a Polícia Federal, delegado, Polícia Militar, Civil, todo mundo me conhece. Tá aqui o meu cartão. Se algum dia você tiver algum problema, se você for roubar e der errado, você apresenta o meu cartão, manda me ligar que você vai ser solta na hora.

O plano sugerido por ele era que, ao invés de se prostituir, Vania parasse motoristas na BR e roubasse o dinheiro deles. “Mas eu não achei uma boa ideia e inventei outra tática”.

CAPÍTULO 4

O diabo é foda



Nos quatro meses seguintes, Vania aproveitou a tranquilidade do que o traficante havia deixado para ela, mas logo que a comida começou a acabar colocou seu novo plano em ação. “Eu vou pras boates, vou pra zona lá de Joinville e na hora de acertar a conta eu vou pedir tudo”, pensou. Cobriu suas tatuagens, pegou o revólver que ganhou do homem do Uno vermelho e foi. Esperta, Vania escolheu as boates que não tinham segurança, como ela diz, aquelas bem “chumbreguinha” de beira de estrada.

Vania chegou ao local de seu primeiro assalto no início do expediente e disse para a cafetina que trabalharia ali, com venda de bebidas, do dia cinco ao dia 15. Acabou sendo forçada a fazer programas. Na hora de acertar as contas, ao fim do prazo combinado, Vania decidiu não roubar das outras meninas que trabalhavam na casa. Conviveu ali por um tempo e viu que as condições de trabalho e de vida eram péssimas, e que as moças se submetiam ao que estavam vivendo porque também precisavam muito do dinheiro. “Deixei a cafetina pagar todas as funcionárias. Eu tinha uns 600 reais pra receber, daí quando chegou a minha vez, ela falou que eu só ia ganhar 200. Ah, tá bom. Daí eu aponte a arma e falei: ‘Eu quero tudo agora, vamos. Ligeiro!’”. O primeiro tiro foi no apoio de uma prateleira comprida, acima do caixa, cheia de garrafas de bebidas que se espatifaram no chão. Depois, mais outros dois em direções aleatórias. Apavorada, a cafetina entregou os 1500 reais que estavam no caixa, Vania saiu correndo e pegou um táxi para fugir. “Olha que burra”, lamenta, rindo.

Com o tempo, conforme ela se recorda, foi refinando suas técnicas de assalto. O irmão de uma amiga trabalhava como motoboy e eles viraram amigos. Vania tem, na parte interna do braço esquerdo, o nome do amigo tatuado. “Daí eu esquematizei outro tipo de ação”. Vania assaltava cinco ou seis estabelecimentos de uma determinada cidade, geralmente entre os dias cinco e 15.

“Eu tinha um piloto de fuga, mas ele ficava esperando, ele não entrava, quem fazia tudo era eu”, diz, orgulhosa. Ao longo de mais ou menos um ano e cinco meses de assaltos, Vania passou por cerca de quinze cidades, uma cidade por mês, em média. Com o dinheiro que conseguiu, fez autoescola, tirou sua habilitação, comprou um Escort 86 azul-marinho e um terreno de 120 mil reais. A mãe dela, parecendo que vivia apenas pelo dinheiro, melhorou da depressão e estava tendo uma ótima relação com a filha. Vania, Euda e Jorge moravam em uma casa de madeira e, com o dinheiro de sua nova empreitada, Vania construiu uma de alvenaria para a família.

Ao fim deste período, o dinheiro parou de entrar em casa. A relação com a mãe, naturalmente, voltou a piorar. Euda, agora, queria sair para as festas noturnas, arrumar namorado, queria ter a liberdade dela e não queria mais cuidar do neto. “Meu filho, que até então era bem cuidado, começou a aparecer com umas manchinhas de beliscão. Ela começou a judiar do meu filho”. Cansada de ser xingada de vagabunda e de ouvir da mãe que não era obrigada a sustentar filha solteira com criança pequena, resolveu arrumar um trabalho. Virou entregadora de panfletos de candidato à prefeitura. “Essa gente que só paga a gente se eles ganham, se eles perdem, não dão nada. Aconteceu comigo. Mas também mandei uns piá assaltar a casa dele depois...”.

O local onde Vania distribuía os panfletos ficava a cinco quilômetros de onde ela morava. Acordava às sete da manhã pra estar lá às oito. Ia com sua bicicleta debaixo de sol forte, com aqueles “bonezinhos e camisetas ridículas”, como ela mesma diz. Tudo para economizar o combustível do Escort, que era usado somente para emergências de saúde ou para levar velhinhos da comunidade ao hospital para realizar exames de que precisavam. “Aí o que que aconteceu: o diabo é maligno mesmo, o diabo é foda. Porque quando eu parei de roubar, ele puxou meu tapete, ele queria que eu continuasse no crime”.

Todos os dias, quando Vania estava no sinal distribuindo os panfletos, passava um homem em um carro Honda Civic automático do ano, parava do lado dela e falava: “E aí, gatinha, pô, trabalhando nesse sol? Não quer dar uma volta?”. Mas o santo dela não bateu com o sujeito, um tal de Georges, que “tinha uma cara de playboy”, ela lembra. Naquela época, Vania fumava bastante maconha, e o sujeito passava por ela com baseado para atrair sua atenção. “Daí eu dava algumas bolas, devolvia pra ele e voltava a trabalhar”. Em um dia de muita chuva em Barra Velha, Vania aceitou uma carona com Georges até em casa.

Euda e Georges ficaram amigos, claro, porque ele era herdeiro da empresa de produtos químicos e agrícolas Buschle&Lepper. Não trabalhava, vivia somente do dinheiro dos pais. Georges comprava cerveja e cigarro para Euda quando ela tinha vontade e todos os dias os dois ficavam bebendo juntos. Vania morava com o filho em uma meia-água¹ que havia construído ao lado da casa da mãe e ficava sempre lá, longe dos dois. Mas logo o sexto sentido de Vania sobre Georges mostrou-se correto. Foi uma junção de interesses: Euda queria Vania longe, Georges queria casar-se com ela. Então eles bolaram um plano.

Um dia na volta do trabalho, após passar manhã e tarde entregando panfletos, Vania só queria chegar em casa, tomar um banho e se jogar na cama. Mas, quando parou na frente do terreno, lembra que viu todas as suas coisas embrulhadas e guardadas em malas do lado de fora da casa, as luzes apagadas, o silêncio reinando e todas as portas trancadas. Euda e Jorge haviam sumido. Vania sentou-se na calçada e estava tentando assimilar a situação quando, em menos de dois minutos que estava ali, Georges apareceu com seu carrão.

¹ Edificação composta por sala, quarto, cozinha e banheiro anexa à construção principal do terreno.

— Que que aconteceu? — perguntou, simulando surpresa.

— Ah, a mãe sumiu com o meu filho e botou minhas coisas pra fora. Ela quer que eu vá embora. — Vania já tinha aceitado essa ideia. Georges saiu do carro e caminhou em direção às coisas de Vania. Pegou mala por mala e foi colocando dentro do carro.

— Não, deixa aí, eu vou esperar ela chegar. — pediu Vania.

— Não, vamos lá pra casa até as coisas se aliviarem. — ele respondeu com o olhar tranquilo, parecia que realmente queria ajudá-la.

— Eu tenho uma amiga no Centro, só me dá uma carona até lá que eu resolvo o que fazer. — respondeu, categoricamente.

Georges concordou e partiram. Mas, quando Vania indicou a direção da casa da amiga, ele mudou a rota alegando que antes precisava pegar algumas coisas em casa. “Pegar um negócio coisa nenhuma! Ele abriu o portão e entrou, bem grandão o portão, um muro de quase quatro metros, guria! Cheio de pitbull lá dentro daquela casa. Daí ele entrou com o carro e eu tive que ficar lá, fiquei presa com ele! Eu fiquei nove meses em um cativieiro com ele e a minha mãe não foi me procurar em nenhum momento. Ela simplesmente me abandonou. De novo”.

Naquele ano de 2006, Vania não lembra sequer o mês em que estavam, ela relata que entrou naquela casa com a sensação de que não sairia com vida. Ela afirma, confusa, que o sequestrador a trancava em casa sem qualquer meio de comunicação com o exterior. Não havia telefone fixo ou celular. Nada. Ele teria a forçado a fazer sexo com ele, e a estuprado diariamente, várias vezes por dia, conforme fosse da vontade dele, segundo Vania. Porém, não existe comprovação alguma perante a Justiça de que isso tenha ocorrido. Uma vez, após muitas horas de “porrada”, os olhos de Vania ficaram grudados um no outro de tão inchados. Em outra

ocasião, Georges estava cortando uma pedra grande de crack, que parecia um pão torrado, com uma faca de serra bastante afiada e, ao concluir sua ação, ela conta que raspou a faca em seu antebraço direito. As cicatrizes desse tempo existem até hoje.

Vania assegura que em, alguns momentos, Georges usava crack em casa. “A loucura dele quando fumava era que tinha macho dentro de casa, outro homem. Depois, eu usei droga, então eu sei como é que é, só que assim, cada um tem a sua [loucura]. E a dele era essa. Aí ele olhava embaixo das camas, atrás da geladeira, atrás das cortinas, ia lá fora, voltava e perguntava enquanto me batia: ‘Onde é que tá o teu amante? Cadê o cara que tu botou pra dentro? Como que tu fez pra ele entrar? Ele tá escondido, eu sei que ele tá aqui. Você é uma vagabunda! Você tá me traindo...’. E me batia, me batia. Eu chegava a desmaiar e, quando acordava, estava toda quebrada, sangrando, meus dentes amoleciam... Eu não sei como eu tenho dentes ainda”.

Quando olhava-se no espelho, a vontade era de morrer. Vania tentava se enforcar, cortava os punhos. Mas ele não permitia, queria vê-la sofrer. Gritava por ajuda, mas os muros altos e a casa enorme no centro de um terreno gigante impediam que qualquer pessoa a escutasse. Até que sua menstruação atrasou e ela descobriu que estava grávida de seu algoz. Era obrigada a proteger-se com travesseiros em volta da barriga porque ele dizia que não era o pai, que Vania havia colocado outro homem para dentro da casa e batia na barriga dela. “Teve uma vez que eu tentei entrar embaixo da cama pra ele não me bater e eu fiquei entalada, menina, tinha um barrigão. Não conseguia nem entrar nem sair, fiquei no meio. Aí foi uma das vezes que eu mais sofri, porque ele pegou e me puxou pelos cabelos, me arrastou, gurria, já que eu não conseguia sair, né”.

O sofrimento que ela alega ter passado durou nove meses, o tempo de uma gestação que só chegou ao fim por força do destino.

Vania alega que não houve acompanhamento médico algum durante todo o período da gravidez, e que ela e a filha na barriga viviam em situação de risco diário. No dia 20 de julho de 2007, a bolsa estourou e Georges estava, segundo Vania, de tal forma sob os efeitos do crack, que a liberou para ir ao hospital ganhar a criança. “Ó, quer saber mesmo? Estourou essa porcaria aí? Eu vou abrir o portão pra ti, tu vai lá no hospital, tu vai ganhar essa porra, só que tu não me incomoda. Tu não fala pra ninguém que eu te bato, porque senão eu vou matar tu, tua mãe, essa criança e o teu filho”, ele teria dito. “Eu fiquei nove meses presa porque foi até minha filha nascer. Quando a minha filha nasceu, ele me libertou. A minha filha foi quem me libertou”, enfatiza, enquanto lágrimas escorrem de seus olhos.

Vania não tinha forças no dia em que saiu em liberdade, afinal não era alimentada decentemente há nove meses, e foi se arrastando até a Unidade de Pronto Atendimento mais próxima, que ficava há seis quadras de seu cativeiro. Chegou ao hospital com marcas roxas por todo o corpo, os olhos inchados, claramente uma vítima de violência gravíssima. Logo na entrada, as enfermeiras de plantão chamaram a polícia, foi repercussão total na pequena cidade, todo mundo queria saber o que tinha acontecido com Vania. “Daí eu falei: ‘Ó, tô sofrendo, tô nove meses de cárcere privado e ele só deixou eu sair porque tá entretido lá com a droga’”. Ela conta que a polícia foi até o endereço de Georges e o deteve, mas que ele foi liberado em poucas horas.

Ela achava que, finalmente, estava livre. Voltou, por nada além de necessidade extrema, para a casa daquela que, ela acredita, tramou todo o sofrimento por que ela havia acabado de passar. Não tinha dinheiro nem emprego e precisava de um lugar para morar com o filho de dois anos e a recém-nascida Joana. Euda se fez de vítima, disse que não sabia de nada e que não procurou Vania

porque não sabia ler nem escrever e não tinha ninguém para a ajudar. “Aquilo foi muito pesado para mim, mas como eu já estava acostumada segui a minha vida”.

Quando Joana completava dois meses de idade, a família toda estava assistindo televisão em casa, deitados na cama, quando ouviram um “boom” na porta de entrada. Georges entrou, conforme Vania se recorda. “Só deu tempo da minha mãe pegar meu piá, botar atrás dela e eu pegar e jogar a minha menina também pro lado da cama. Aí eu não sei como, ele pegou meu guri e deu uma mordida aqui, ó, na bochecha. Ficou toda roxa a bochecha do meu filho”, relembra, com os olhos cheios de água e a voz embargada. “Aí ele me arrastou pelos cabelos, me deu um chute na cesárea, abriu minha cesárea, e eu fiquei desmaiada”. Ele foi embora depois de ameaçá-la dizendo que, se não ficasse com ele, não ficaria com mais ninguém. E que tiraria Joana dela.

Nos dois anos seguintes, houve um período de paz em casa. Vania e a mãe voltaram a se dar bem. Ela acredita que foi porque Joana, a bebê gordinha, ruiva dos olhos claros e manhosa, encantou Euda e despertou nela um sentimento de cumplicidade que não conhecia antes. Jorge estava com quatro anos, era alto para sua idade, magro e tinha coragem para enfrentar qualquer coisa. Até hoje se corresponde por cartas com a mãe no presídio. Brincavam de boneca todos juntos no dia em que um carro preto brilhoso parou na frente da casa deles. Saíram de dentro do veículo Georges, seu pai, sua mãe (os avós de Joana) e um Oficial de Justiça. Eles haviam conseguido a guarda permanente da menina. Vania insistiu para que não levassem a filha, porque sabia que não a trariam de volta, mas o Oficial disse que ela iria presa caso não cumprisse aquela determinação. “E aí levaram a minha filha”.

CAPÍTULO 5

Apanhei até por
dentro dos olhos



A perda da filha foi algo muito chocante para aquela mãe que tanto já havia sofrido, mas algum tempo depois sua vida seguiu. Arrumou um namorado, Samuel, e juntos cometeram o roubo que os levou à cadeia. Foi em 30 de setembro de 2010 que ela foi presa em flagrante pelo crime de roubo. Ela e Samuel estavam caminhando por uma rua quando, por conta de uma decisão repentina e pela possibilidade de ganhar dinheiro fácil, decidiram assaltar o Bar da Preta, em São Bento do Sul. Naquele início de noite, os dois entraram — ele armado com um revólver calibre 38 e ela sem nada — no bar e anunciaram o assalto. Após algumas coronhadas com a arma na cabeça das vítimas, os donos do bar, Vania seu parceiro levaram 155 reais e saíram do local. Foram encontrados pela polícia e reconhecidos pelas vítimas, o que resultou na prisão em flagrante. Foram para a delegacia de São Bento do Sul e depois foram levados para cumprir suas penas, de cinco anos e seis meses para cada, no Presídio Regional de Mafra.

O lugar lá era menor e pior que o presídio onde está hoje, Vania avalia, e o tratamento era muito mais violento. Quando chegou, sentia-se muito mal por estar longe dos filhos. Outras presas que também passavam por isso ajudaram-na com palavras de carinho. Naquela cadeia havia uma mulher que era a “dona do pedaço”, como é comum nos presídios mundo afora. Essa pessoa representa o terror das novatas, como Vania conseguiu perceber durante seu tempo presa, pois é com ela que todas que chegam devem passar a primeira noite. Geralmente é a presa mais antiga da cadeia, que acha que está no comando. E as agentes do local, pelo que Vania lembra, davam essa liberdade para aquela mulher. No presídio de Mafra, essa pessoa era Carla Maria.

A “dona do pedaço” e seu cunhado, Rodrigo Tibes, foram condenados pelo assassinato da família do açougueiro Valdir Feroldi, em Curitiba, no ano 2000, motivado por uma dívida de dez reais¹.

1 Informações retiradas do site do extinto programa Linha Direta da Rede Globo.

O casal foi até a casa da vítima para executar o plano, mas não o encontraram. Para não perder a viagem, atacaram a esposa de Valdir, Sandra Aparecida, de 25 anos; os dois filhos, de cinco e dois anos; e a cunhada, de dez anos a punhaladas e degolaram um por um. Ambos foram condenados e presos pelo crime, Rodrigo fugiu do Presídio Regional de Caçador em novembro do mesmo ano e está foragido até hoje. Carla cumpriu sua pena inicial de 30 anos, reduzidos a quinze por conta da remissão², no Presídio Regional de Mafra.

Vania recorda-se de uma história envolvendo Carla no presídio. “Ela virou sapatão na cadeia. E daí ela veio pra cima de mim na primeira noite, só que daí eu briguei com ela, a gente saiu na mão, eu evitei, eu lutei ali, corpo a corpo, ela não conseguiu me... fazer o que ela queria. Aí ela começou a me provocar, todo dia ela dizia que ia me bater. Daí um dia a gente saiu pro pátio e a senhora [agente penitenciária] deixou o cadeado aberto na grade. Ela [Carla] passou por mim, eu peguei o cadeado, enfiei na mão, usei como se fosse um soco inglês e dei na cabeça dela, abriu, deu 16 pontos”. Todas as presas comemoraram. Tinham medo de Carla e não gostavam quando ela mexia nas sacolas de compras das outras mulheres para ver o que tinha de bom e pegar para ela.

O Presídio Regional de Mafra guarda algumas histórias marcantes da época em que Vania passou por lá. Na cela em que ficava, tinha três companheiras. A primeira era dona Ruth, uma senhora que traficava pedras de crack e saquinhos de cocaína dentro de uma pochete no centro da cidade onde vivia — Vania não lembra ao certo onde era. Conhecida carinhosamente no presídio como “vovó do tráfico”, Ruth tinha o hábito de fazer crochê e acumulava apetrechos dentro da cela para isso, além de utilizar os restos dos cones de linha fazendo artesanatos para crianças carentes em datas comemorativas. Na companhia das duas estava

² Programa por meio do qual, a cada três dias trabalhados, é reduzido um da pena.

também Sueli, que não aguentou “puxar³” e perdeu a cabeça. “Ela falava sozinha, esquentava a panela quente de água à noite pra nos queimar, aí ninguém dormia”. A quarta integrante daquela cela de poucos metros quadrados era Lili Carabina, ou ao menos era assim que Vania a chamava. A colega de cela era a famosa mineira Lili Carabina, a mais procurada assaltante de banco dos anos setenta, segundo as detentas. Pesquisas rápidas na internet indicam que essa pessoa faleceu em 2000, não sendo possível que estivesse presa junto de Vania no ano de 2011. Mas Vania diz que, sim, cumpriu pena com Lili Carabina e orgulha-se disso.

Naquela época, ela não estava acostumada a compartilhar cela com “duque⁴”, hoje em dia convive com elas normalmente dentro dos alojamentos em que fica. Vania lembra que os agentes penitenciários de Mafra, assim como as mulheres presas por outros crimes diversos, nutriam forte ódio pelas condenadas por estupro de crianças, como é de se imaginar. O clima do presídio ficou ainda mais tenso quando esses funcionários armaram uma emboscada para uma presa. “Jogaram uma duque pra gente e falaram bem assim: ‘Só chama quando tiver quase morta’. Aí a dona Ruth empilhou aqueles cones de linha um em cima do outro até que ficasse um tamanho bem grande, amarraram ela [a duque] com as mãos pra trás, com as pernas abertas e colocaram aquilo na boca e na vagina dela. Em fila indiana, cada uma passava e dava um chute. Até que a gente arreventou toda ela: a boca se abriu, a vagina ficou aberta, o ânus também sangrava”.

Mas não apenas duques viveram dias terríveis na cadeia de Mafra. Vania passou por situações das quais recorda com muita dor. Certa vez, a mãe de Vania, Euda, que na época cuidava do pequeno Jorge, disse que o menino havia se aproximado de Breno, um amigo

3 Expressão que significa cumprir pena na cadeia.

4 A palavra refere-se a pessoas que estupram ou assediam crianças.

que tinha 14 anos de idade. Euda dizia que Breno era um bom menino, que a ajudava recolhendo as folhas do quintal e com os afazeres da casa, de que cuidava sozinha. Mas Vania não gostou da ideia de um menino tão mais velho brincando com seu filho, que tinha apenas sete anos na época. Seu instinto de mãe dizia que aquilo não daria certo, mas Euda não quis afastar os dois. A mãe levava Jorge para visitar Vania, rigorosamente, a cada 15 dias na cadeia, mas, certa vez passou dois meses sem aparecer. Vania sentia que havia algo errado. Foi quando a assistente social do presídio de Mafra a chamou e disse: “Olha, eu quero ter uma conversa contigo. Aconteceu uma coisa com seu filho, mas você não precisa se preocupar porque tá tudo bem, ele já tá passando por psicólogo, já tá tudo certo”. Vania ficou tentando adivinhar o que poderia ter acontecido com seu filho, inquieta com as possibilidades que criava em sua mente, até o dia em que Euda apareceu para visitá-la, sem Jorge.

A profissional do presídio havia informado a Vania que seu filho quase tinha sido violentado. Quando viu Euda chegar para a visita, sua vontade foi de pular no pescoço dela para aliviar a dor que sentia pelo filho. Vania foi estuprada diversas vezes ao longo da vida e, por saber como era, não conseguia viver com a ideia de seu menino ter passado por esse sofrimento. Decidiu tirar todas as satisfações possíveis com a mãe. “Aí eu perguntei o que aconteceu. Ela disse que enquanto os dois jogavam videogame, ela arrumava a antena parabólica. Daí interrompia o jogo dos dois pra perguntar se ficava boa a imagem da televisão, mas teve um momento que eles pararam de responder. Aí ela foi ver o que tava acontecendo e, quando entrou na sala, pegou eles no ato: o grandão estava com as calças abaixadas se esfregando no meu filho!”, diz, com os olhos inchados, mas sem lágrimas. Está sob efeito dos remédios que toma para seu transtorno psiquiátrico e não consegue chorar. A dor naquele momento foi insuportável. Mesmo que Euda tivesse

dito que o ato foi apenas superficial, não houve penetração ou algo considerado mais “grave”, Vania não conseguiu aceitar. “Eu fiquei bem louca por causa disso. Meu Deus, eu avancei nela. Falei que se mais alguma coisa acontecesse com o meu filho, eu ia matar ela, velha do caralho. ‘A culpa é toda tua!’. Aí eu me grudei na cela, comecei a gritar, xingar, enfrentei as agentes”.

O presídio de Mafra não tinha celas específicas para punir as presas que fugissem às regras, assim como existe no de Florianópolis, onde Vania vive hoje, mas ela precisava ser punida por aquele surto. “Daí elas me ‘marcapassearam’⁵, colocaram uma algema, me colocaram dentro de um camburão de polícia e me encheram de spray de pimenta. Eu fiquei mais ou menos do meio-dia às seis da tarde debaixo de um sol forte, derretendo, com spray de pimenta no rosto. A minha cara quando saí de lá estava desse tamanho”, indica um inchaço com as mãos. “Pedaços saíam do meu rosto, porque queima. Eu fiquei mais ou menos um mês fazendo tratamento com pomada de Bepantol depois disso”. Em outra ocasião envolvendo seu filho, mas dessa vez o assédio partindo dos agentes penitenciários, Vania teve novamente um surto: quebrou tudo que viu pela frente na sala de visita. Para não perder o costume, apanhou muito dos guardas e passou a noite inteira dentro do camburão, seu velho conhecido. “Eu fiz uma rebelião em Mafra que acabou resultando na revista de visitantes separada por gêneros, homens por homens e mulheres por mulheres”.

Ao todo, ela cumpriu onze meses de pena em regime semiaberto por roubo, no Presídio Regional de Mafra, entre 2010 e 2011. Teve uma progressão para regime aberto e foi liberada. “Aí eu acabei saindo. Quando eu saí de lá eu voltei pra casa da minha mãe em Barra Velha, mas como a cidade é muito pequena e não tem emprego nem infraestrutura, eu não quis ficar lá. E todo mundo fica sabendo

5 Colocaram uma tornozeleira eletrônica para mantê-la sob controle das agentes penitenciárias.

da vida de todo mundo”. Revoltada com tudo pelo que passou na cadeia e com a situação da perda da guarda de sua filha, Vania saiu da cadeia de Mafra e decidiu acabar com Georges.

Foi até uma favela em Itajaí, próxima a rua Reinaldo Schmithausen, e conversou com uns conhecidos ligados ao Primeiro Comando da Capital (PCC). Contou sua história e pediu a ajuda deles. Mas a única coisa que poderiam fazer por ela seria dar-lhe uma arma, e foi o que fizeram. Vania escolheu um revólver niquelado e refrigerado de calibre 38, porque o seu já havia perdido em algum momento. Com o Escort azul-marinho abastecido, Vania subiu a Serra Dona Francisca riscando o asfalto em direção ao sítio de Georges. “Eu só queria pegar ele, eu nem queria mais pegar a minha filha, primeiro eu queria matar ele”.

Os pitbulls que rondavam a residência, em Campo Alegre, eram os mesmos que Georges teria utilizado para amedrontá-la durante o tempo que Vania alega ter ficado presa na casa dele, em Barra Velha. Mas eles sentiram que ela estava determinada e nem latiram quando ela terminou de escalar o portão gradeado de três metros de altura e entrou no terreno. Só abanaram os pequenos rabinhos e voltaram para suas casinhas. Vania atravessou o quintal e chegou até a casa.

— Georges, é a Vania. — falou, como quem não quer nada.

— O que tu quer? Sai daqui! — berrou o homem de dentro da casa.

— Eu só vim fumar um baseado contigo. — tentava fazê-lo abrir a porta.

— Não, sai daqui! — ordenou ele.

— Abre a porta! — insistiu. — Ah, não vai abrir?

A coronhada no vidro da janela e o primeiro tiro para dentro da casa serviram como alerta. Georges, além de não abrir a porta,

começou a correr desesperadamente no interior do imóvel. Vania deu a volta na casa e conseguiu arrombar a porta de trás, entrou no recinto e continuou atirando nele. Sentia-se uma guerreira, corajosa, pronta para fazer justiça com as próprias mãos. “Só que assim, eu sou principiante. Eu não sei matar ninguém assim no tiro. Aí os tiros que eu dei nele foram pegando só de raspão, mas eu achava que tava arrasando”, lamenta. Quando atirava, seu corpo todo balançava com a força do solavanco promovido pela saída da bala pelo cano da arma. Ali já perdia alguns segundos, e algumas munições. Terminou seu serviço, pegou o revólver e foi até o carro para ir embora.

Os três tiros que pegaram em Georges foram de raspão, ele não foi atingido em cheio em nenhuma parte do corpo. Mas Vania só foi descobrir isso de fato quando estava descendo a serra vibrando pelo sucesso da missão. Vania acredita que Georges fez-se de morto para enquadrá-la pelo crime. Enquanto ela descia, subiam carros para prestar atendimento. “Filha da puta, ele tá vivo, porque tá vindo ambulância e polícia”, deduziu. Foi quando chegou ao pé da serra que teve sua maior surpresa: diversos carros da polícia esperando por ela. “Porque ele é playboy, filhinho de papai”, usa estes termos com um tom de voz bem irônico e com raiva. “Eu ia entregar a arma, mas eles acharam que eu fiz menção de atirar. Me deram um monte de cacetada, meu Deus. Me bateram nas costelas, no rosto, em tudo. Apanhei até por dentro dos olhos”. Vania foi levada para a delegacia, acusada de ameaça e violação de domicílio, pagou fiança e foi liberada, mas responde por este processo até hoje⁶. Após o crime, Vania ficou circulando pelas ruas da cidade quando diz ter recebido um chamado. “Alguma coisa me disse: ‘Vai pra Floripa, vai pra Floripa’”.

6 No último dia 26 de abril, foi definida data, horário e local para audiência, a saber, no dia 18 de setembro de 2017, para instrução e julgamento do caso na comarca de São Bento do Sul.

CAPÍTULO 6

Aí começou o inferno
da minha vida



Vania deixou Jorge com a avó e mudou-se para Florianópolis, onde quer continuar morando quando sair do presídio. “Este lugar é mágico, tudo que eu pedia pra acontecer, acontecia!”. No início, sem perspectivas de emprego e longe de atingir estabilidade financeira, chegou na Ilha da Magia para viver nas ruas. Logo nos primeiros dias, Vania se envolveu com um metalúrgico que a levou para morar com ele em uma cidade próxima. “Eu amava ele de paixão, loucamente, porque ele era uma pessoa muito maravilhosa pra mim”.

A vida que levava nas ruas lhe agradava e, mesmo tendo um teto para se abrigar, passava os dias manguendo, roubando e, às vezes, se prostituindo. “Era normal pra mim esse tipo de vida na criminalidade”. O namorado tinha sua profissão e era muito bom fazendo aquilo, mas as drogas que consumia diariamente tiravam qualquer motivação para trabalhar e ele ficava em casa todo o tempo. “Só que era invertido, tipo assim, ele era a mulher da casa e eu era o homem. Eu saía pra trazer as coisas pra dentro de casa e ele ficava em casa. Ele fazia minhas unhas, cuidava do meu cabelo, limpava toda a casa, deixava a casa um brinco!”.

Em um mundo ainda muito machista, esses “dotes” dele eram considerados femininos demais e as amigas de Vania começaram a dizer que ele só poderia ser gay. Mas ela não queria acreditar, até o dia em que o namorado revelou sua bissexualidade. Convivia com a sexualidade dele de maneira confortável, desde que ele “desse” somente para ela. Mas quando suas vizinhas contaram que o namorado só esperava Vania sair para começar a farra com uma das vizinhas, uma travesti “toda gostosa”, ela se revoltou. Vania tem registros confusos sobre isso, mas alega que “um dia eu fiz que fui e voltei. Peguei os dois, guria! Em vez de ele estar comendo, ele tava dando. Aí eu peguei essa travesti e joguei ela do segundo andar, ela subiu as escadas e quebrou meu braço. Eu peguei uma faca e

esfaqueei ele, faltou dois centímetros pra perfurar o pulmão”. Vania conta que o Hélio Costa foi no local fazer a reportagem, mas que nunca a entrevistaram. Não foi mais encontrada.

Vania tinha um amigo, o dono da empresa Pipi Móvel, sediada em Palhoça, um senhor chamado Vilson. Ele sempre a ajudava financeiramente, principalmente quando ela estava vivendo nas ruas, e o braço quebrado foi suficiente para ele recebê-la em casa. A confiança do velho em Vania era tanta que ele fez uma viagem para Bom Retiro e deixou a chave da casa com ela. Vilson tinha filhos que moravam na casa em frente a dele e, naquela noite, resolveram dar uma festa com churrasco. “Daí eu tava lá nessa festa, tal, de repente deu um tiroteio. Todo mundo saiu correndo menos eu. Só que eu usava droga, então cada repartição [da casa] tinha um prato com carne. Abria o guarda-roupa, tinha um prato com carne, abria a geladeira, tinha um prato com carne, abria o armário da cozinha, tinha um prato com carne. E eles [a polícia] começaram a dar geral na casa”.

— Que droga é essa, moça? — perguntaram, já em tom de acusação.

— É que eu sou usuária, moço. — respondeu.

— Mas como é que é o teu nome? — indagaram os policiais.

— Sou Daniela Pereira. — “Eu usava um nome falso, Daniela Pereira”. Os oficiais passaram as mãos por cima da geladeira e encontraram as receitas do ortopedista.

— Vania de Souza, ortopedista? Daniela Pereira, braço quebrado? Não, não tá batendo. — os homens estavam furiosos. — Quem é a Vania?

— Eu não conheço, nunca vi. — ironizou, tentando esconder a risada.

— Não cola, tu tá presa! — e pegaram ela.

Vania tentou se soltar. Sacudiu as pernas enquanto era carregada por dois policiais, um segurando cada braço seu. Mas não conseguiu e foi levada para o Presídio Feminino de Florianópolis, por ter deixado de cumprir o regime aberto a que devia obedecer. “Aí começou o inferno da minha vida”.

Os primeiros 11 dias no presídio não foram fáceis. Vania ficou no “zero”, cela pequena com piso de concreto sobre o qual dormem — pois não há camas — de quatro a seis presas que descumprem alguma norma da cadeia. Também não há janelas ou iluminação artificial, somente uma grade pequena no alto, e nem vaso sanitário há. O local tem um buraco no chão onde as presas fazem suas necessidades. “A gente não sabe se é dia ou noite lá dentro”, recorda com raiva. Após o período inicial, em que é definido o local onde vai ficar cada pessoa, Vania foi enviada à galeria¹. Houve um vislumbre de felicidade quando chegou na nova morada e encontrou celulares, cigarros, maconha. As drogas eram uma válvula de escape para Vania, sempre foram. Na hora, já pediu emprestado o celular para uma menina e ligou para Wilson, seu amigo de Palhoça.

— Escuta, tô presa, tô precisando de um advogado e tô precisando de 300 reais na conta de tal pessoa. — pediu, para que pudesse ter acesso aos divertimentos obtidos de forma clandestina, incluindo a participação de agentes que colocavam a droga para dentro da cadeia.

Uma vez que o depósito fosse realizado, a dona da conta liberava o que a compradora quisesse, dentro das opções do variado tráfico interno do presídio. “Daí no mesmo dia eu já tinha maconha pra fumar, crédito no celular pra ligar pra quem eu quisesse, falar com a minha mãe, com o meu filho, já comprei um pacote

¹ Alojamento coletivo padrão do Presídio Feminino de Florianópolis.

de fumo, um tanto de maconha, uma carteira de cigarro Carlton, já fiz o meu kit cadeia”, conta, rindo. O ambiente do presídio é tenso. Vania chegou sem dinheiro algum e, por isso, era destratada dentro da galeria onde foi alojada. Quando Vilson enviou dinheiro, sua imagem começou a melhorar. Passou a ser tratada como uma rainha pelas colegas de cárcere, “as maria-sacola, sabe? As que se vendem por um pacote de bolacha”, ironiza. Como seu braço ainda estava engessado, era muito difícil tomar banho ou pentear os cabelos sozinha. As meninas ajudavam-na e cuidavam dela.

Mas as talaricas² não demoraram a traí-la. “A gente tenta [fazer amizades], mas é uma falsidade, é cobra comendo cobra. Uma querendo passar a perna na outra”, afirma quando questionada sobre relacionamentos dentro do presídio. O celular que Vania usava para pedir dinheiro a Vilson era compartilhado com as colegas e não apagava o número do histórico. Não imaginava que precisaria fazer isso. Descobriu quando parou de receber agrados de Vilson e viu que para as outras meninas ele mandava. “Se eu pedia dinheiro pra ele falando normalmente e ele me mandava já 300, 400 reais, imagina elas fazendo sexo com ele por telefone, quanto que ele mandava pra elas”. Vania ficou pobre de novo.

Cada dia que passava, a situação piorava. O auge foi quando as meninas da galeria resolveram pregar uma peça em Vania para que ela fosse transferida de alojamento. “Enquanto eu fui tomar banho, elas pegaram creme vaginal, passaram na cama e disseram que era corrimento. Pegaram o lençol e saíram mostrando pela galeria. ‘Olha aqui ó, essa porca, tá com corrimento, olha como ela é porca’. E eu no banheiro tomando banho, não sabia de nada. Quando saí do banheiro, tava aquela aglomeração, todo mundo fazendo ‘R’, que é reunião, pra me tirar do alojamento, porque eu era porca, tinha

2 Sinônimo de “fura-olho”, alguém que passa a perna em outra pessoa.

corrimento”. Ao mesmo tempo que queriam tirá-la, as “líderes” do presídio tinham medo que Vania “cagueteasse³” que tinha celulares e drogas no local.

Mas Vania não quis saber dos receios das chefonas. “Eu arrumei as minhas coisas, fui pra porta, e na hora que a agente chegou, já abriu a porta e eu me enfiei junto. Falei: ‘Eu quero ir pro seguro e eu vou pro seguro⁴. Aí peguei e fui, me transferiram para lá”. Parecia que as coisas iam melhorar, mas foi só uma ilusão. Vania passou por uma série de complicações, humilhações, perseguições e brigas no novo alojamento. “Comecei a ficar louca. Eu já não era muito bem da cabeça, ainda não sou. Ainda não sou”. Foi nesse período que começou a cortar seus punhos com gilette, tomar água sanitária, desinfetante, desodorante, comer pedaços de colchão. Tudo para tentar morrer. “Este aqui”, mostra a mão direita com uma cicatriz horizontal nas primeiras falanges dos dedos, “foi um soco que eu dei no vidro do seguro”.

Foi na época em que passou por esses surtos, que Vania começou a frequentar o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) do Presídio de Florianópolis para tratamento semanal e indicação de remédios. Ela acredita que nesse período estava tão alterada por estar estabelecendo algum tipo de conexão espiritual com sua mãe, que nunca a havia visitado em Florianópolis, onde estava presa há quase um ano. Achava que havia algo errado, mesmo não sabendo que Euda enfrentava um câncer de mama e estava bastante debilitada. “Parece que eu sentia que a minha mãe tava morrendo também. Parece que ela tava sofrendo de um lado e eu tava sofrendo do outro, que a gente sentia o sofrimento uma da outra, entende?”, relembra, enquanto

3 Variação popular do verbo “alcaguetar”, que significa delatar, dedurar.

4 O Seguro é um alojamento no Presídio Feminino de Florianópolis em que ficam as presas que cometeram crimes hediondos, principalmente aqueles que envolvem abusos e outras formas de violências praticadas contra crianças.

os olhos começam a transbordar lágrimas.

A ausência das visitas deveu-se a problemas de comunicação do presídio com Euda. A mãe tentou diversas vezes ir visitá-la, mas sempre faltava algum documento e nunca podia entrar para, quem sabe, despedir-se da filha. “Um dia eu tava na cama, tinha sonhado que caí num poço sem fundo cheio de lodo. Acordei meio mal, já sentindo alguma coisa. Aí a psicóloga mandou me chamar”.

— Vania, você tem que ser forte. — falou, encarando o fundo dos olhos de Vania.

— Eu já sei, é a minha mãe. — respondeu, afinal já havia sentido algo estranho.

— É, a sua mãe morreu. — respondeu, friamente.

Vania para de falar e chora. Seu corpo treme com a lembrança. “Ali meu mundo caiu, eu fiquei bem mal. A perda da minha mãe foi forte pra mim porque ela não sabia que tinha câncer ainda, mas parece que a pessoa sente quando vai morrer, alguma coisa assim. Porque ela começou a mudar desde que eu saí de casa, em 2011, quando eu saí da cadeia de Mafra. Ela não queria que eu saísse de casa. Começou a ir na igreja, a rezar bastante, ela tinha mudado. Eu senti essa mudança e, apesar de tudo, ela foi me visitar quando eu estava em Mafra. Quando eu comecei a ter o amor da minha mãe de volta, ela morreu. E ela fez um esforço tamanho pra vir aqui me visitar...”. Na cadeia, Vania começou a ter crises constantes de choro e agressividade. Tomava doses e mais doses de medicamentos antidepressivos, antipsicóticos, eram cinco Levozines⁵ por dia. Começou a definhar, chegou até a perder o movimento de uma perna. Não conseguia mais caminhar,

⁵ Medicamento cuja ação esperada é a sedação e melhora de quadros mentais como, por exemplo, a ansiedade em pacientes psicóticos, e na terapia auxiliar para o alívio de delírios, agitação, inquietação, confusão. Fonte: Bula do remédio, no site Minha Vida.

babava o tempo todo, tinha convulsões.

O velório da mãe, em Barra Velha, deixou uma cicatriz incurável em Vania. “Foi a coisa mais triste do mundo. Eles dirigiram até lá com tamanha violência, eu sendo jogada pra lá e pra cá. Eu tava de marcapasso e algema. Chegando lá, a luz tinha acabado, a gente ficou só a luz de vela. Aí pediram pra todo mundo se afastar, foi aquela cena de cinema. Cada uma [agente penitenciária] com uma 12 [espingarda], uma de um lado, outra do outro fazendo escolta. Aí pediram pra se afastar todo mundo e eu fui ver minha velhinha”. Euda morreu com 54 anos de idade. Sua mãe, como era muito idosa, não se deslocou de Curitiba, onde morava, até Barra Velha para ir ao velório da filha. Na cerimônia, estavam o filho Jorge e a madrinha dele, com quem o menino vive até hoje sob guarda conseguida na Justiça, além de alguns vizinhos de Euda. “Daquele dia em diante, eu só me revoltei mais com o tratamento que eu tive na cadeia, com o velório da minha mãe daquele jeito, como se eu fosse a pior bandida”. Vania lembra que conseguiu conversar um pouco com seu filho antes de ser levada de volta para o camburão. Foi um tempo difícil para o menino perder a avó e estar longe da mãe, aos seis anos de idade.

— Filho, você obedeça bem a comadre que ela que vai cuidar de você. — disse Vania.

— Não, mãe, eu vou me comportar, eu vou ficar bem.

— Não liga, a vó morreu mas a vó foi pro céu. — disse, acariciando a cabeça do filho.

— Quando que a mãe vai sair? — perguntou o menino, com os olhos brilhando.

— Logo a mãe sai. — respondeu, sorrindo. E logo saiu mesmo. Dois meses depois, após ter ficado presa por um ano, Vania estava em liberdade.

Quando conseguiu sair, em outubro de 2014, Vania foi até Barra Velha novamente visitar o filho. A residência dos falecidos pais ficava ao lado da casa de sua comadre, onde ela dormiu na noite da visita. Entrou na casa dos pais e chegou à conclusão de que não conseguiria morar ali. A casa lhe trazia muitas lembranças, pois ainda estava com os objetos pessoais de seus pais. Vania decidiu fechar o local e deixar que a comadre alugasse e ficasse com o dinheiro para si mesma e para Jorge. Vania, sem dinheiro algum, voltou para a vida nas ruas de Florianópolis.

Ela foi viver no centro, onde conheceu seu atual marido, Dilson. A imagem dele nunca lhe sai da cabeça. Moreno e musculoso, chama a atenção por sua aparência. Tem lábios grossos, olhos puxados e uma carequinha, pouco mais de um metro e sessenta. “Quando ele me conheceu, tava fumando um baseado na praça, eu pedi pra dar umas ‘bolas’ e a gente fumou juntos”.

— Poxa, você é tão nova, tão bonita, tá se entregando às drogas. Por que isso? — perguntou Dilson, forçando os olhos arregalados. Vania contou um pouco de sua história para ele. — Você não merece estar passando pelo que você está passando. Se você quiser, eu te dou uma chance, eu te levo pra casa e eu vou cuidar de ti.

— Ah, não. Eu não quero mais saber de vida certa, agora eu sou vida louca. — ironizou.

Após muita insistência de Dilson, Vania aceitou se mudar para a casa em que ele morava com a mãe e as irmãs, no bairro Sambaqui. Dilson é manobrista de carros e vigia de estacionamentos mas, na época, trabalhava em um restaurante no Shopping Beiramar e, enquanto isso, Vania ficava em casa com a “sogra”. “Mas aí a mãe dele me tratava mal, e me deu a fissura da droga também”. Ela

decidiu voltar para o centro, para a vida com que estava acostumada. Dilson aceitou a decisão dela, apesar da mágoa que guarda até hoje sobre a frase que Vania falou para ele na despedida: “Eu gosto de você, mas eu amo a droga”.

Seus próximos passos levaram-na para outro ambiente no centro de Florianópolis, a comunidade do Morro da Caixa. Seu novo companheiro era um dos chefões do tráfico de drogas na região. Vania alega que ele era muito ciumento e que a prendia no morro dizendo que se ela descesse, ele a mataria. “E eu fui desacreditada porque um dia eu escapei dele e desci o morro, só que eu subi de volta. E tava descendo de novo. E quando eu tava descendo ele me deu uma paulada na cabeça. Eu caí no chão, desmaiada. E sangue, sangue, sangue, sangue. Daí ele me pegou no colo: ‘Meu Deus, eu matei minha mulher’. Daí os traficantes tudo: ‘Larga dela, larga dela, porque a polícia vai vir aí e tu vai preso’. Ele me largou no chão. Quando eu acordei, eu tava no hospital, era dia 31 de dezembro de 2014 pra 2015. Eu passei o ano novo dentro do hospital”.

Recuperada, Vania migrou para o bairro Ponte do Imaruim, em Palhoça, onde viveu nas ruas até conhecer um motoboy e gigolô de danceteria e ir morar na casa dele. Vania diz que o homem era violento e a agredia, além de colocá-la para trabalhar na noite sob seus comandos. O relacionamento vinha em uma decrescente quando aconteceu o episódio que, segundo Vania, quase a levou para a cadeia após quase matar duas pessoas. Depois de um dia de manguieio na rua, pedindo comida e dinheiro, Vania chegou em casa cansada e louca por um banho. A mochila estava recheada de coisas que tinha conseguido naquele dia, entre elas, drogas e bebidas alcoólicas para ela e o companheiro consumirem juntos. Quando entrou no quarto, pegou o namorado transando com uma mulher.

— Eu só to fazendo o meu trabalho, minha querida. — debochou a mulher. “E ela veio pra cima de mim com uns ‘peitão’ balançando, uns ‘peitão’ bem grandão, eu lembro bem”, recorda Vania.

— Ah, você tá fazendo o seu trabalho? Então vou te mostrar qual que é o meu. — revidou, puxando uma das facas que carregava sempre consigo na região do peito. A outra ficava no quadril. “E o meu trabalho é matar, né...”, acrescenta.

Então, Vania relata que partiu para cima da amante do namorado. “Daí eu peguei uma faca e dei-lhe nela, só que não pra furar, eu dei pra cortar, pra lascar. Aí pegou no olho, nariz e boca dela. E eu continuei cortando, e ela tentando fugir de mim”. Vania agredia a mulher enquanto esperava pela hora que seu namorado viria atrás dela para defender a amante. Mas ela já tinha um plano para este momento também: deixou uma panela de banha esquentando no fogão. “Eu sou maligna, eu. Liguei a banha quente, deixei esquentando, e fui esfaqueando a mulher”. Enquanto a banha esquentava, os vizinhos ouviram os gritos de socorro e chamaram o SAMU⁶. Vania foi para a cozinha e ficou esperando o namorado ir até ela. “Quando ele veio pra cima de mim e me deu dois socos na costela, eu peguei a banha quente e virei nele. Pegou nas costas dele. Ô, guria, virou um leitão à pururuca”, conta, rindo muito.

Enquanto o homem estava queimando e sua amante sangrando dos cortes, Vania começou a fumar algumas pedras de crack que tinha comprado naquele dia. “Peguei meu cachimbo, coloquei a pedra em cima, fumei minha primeira pedra, terminei, fumei minha segunda pedra... Aí quando eu tava na minha terceira pedra, a polícia chegou”.

6 Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.

— Teje presa! — exclamou o policial.

— Só um pouquinho, deixa eu terminar aqui. — “Aí eu terminei minha terceira pedra”.

— Ô, tu é cara de pau, né, sem vergonha...” — disse, incrédulo.

— Não, meu senhor. Mas vou desperdiçar minha droga agora, onde que já se viu? — Vania nem se importava mais com o que estava acontecendo.

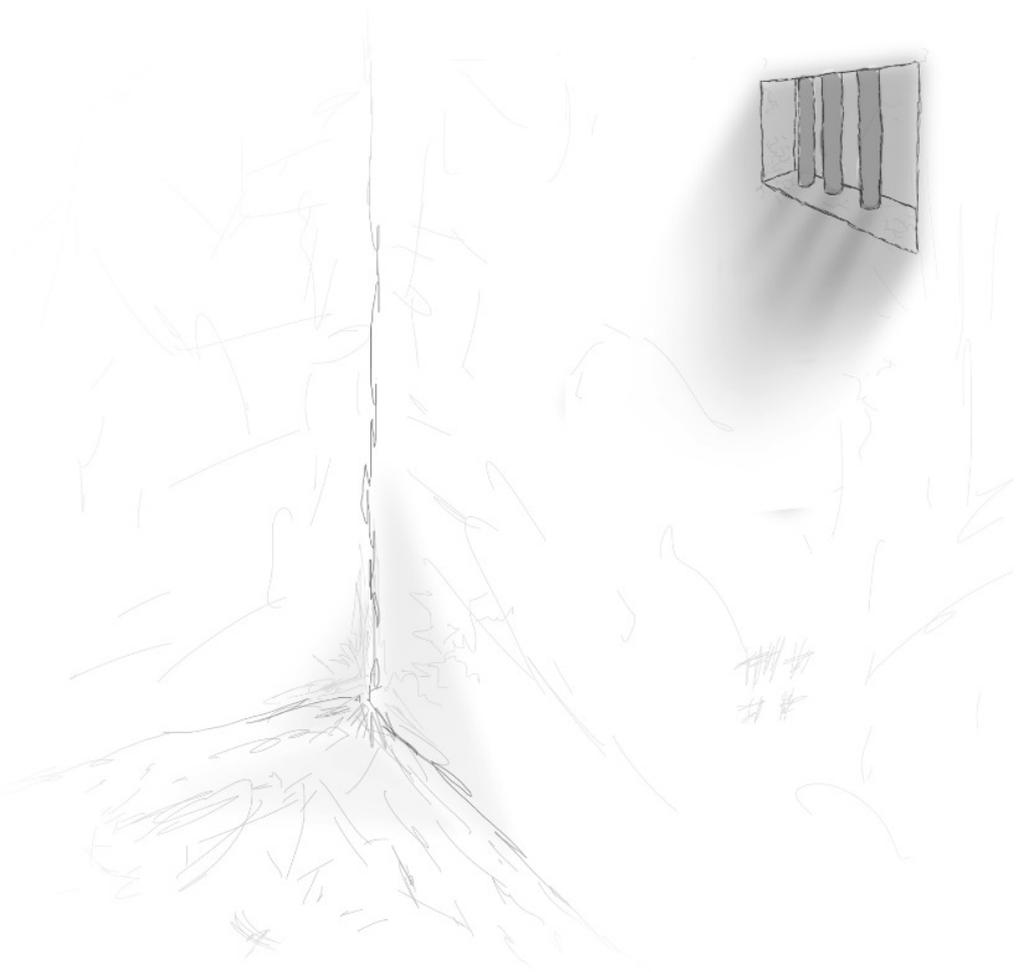
Terminadas todas as pedras, Vania foi levada para a Delegacia de Palhoça, onde foi atendida por uma mulher, de quem Vania não se recorda o nome, que colheu seu depoimento. “Tô fodida, tentativa de homicídio, né”, pensou. Mas a reação da delegada ao saber a motivação de Vania para o que tinha feito àquelas duas pessoas foi inesperada. Ela ordenou, segundo Vania se lembra, que o guarda soltasse a suspeita alegando que “essa aí [referindo-se à amante do namorado de Vania] não pega marido de mais ninguém”. “Eu acho que ela já tinha sido traída alguma vez na vida”, conclui Vania.

De volta para o centro de Florianópolis, Vania reencontrou Dilson. Ela teve vontade de ficar com ele, mas Dilson revelou que estava casado com outra pessoa. Despediram-se e ele reiterou que, se Vania largasse as drogas, ficariam juntos. “E aquilo ficou na minha cabeça. Como que eu ia largar da droga? Não é fácil! Aí eu fui pra Palhoça, aconteceu meu homicídio e eu vim presa. Daí daqui de dentro do presídio, eu mandei uma carta pra ele dizendo que eu tava presa, que aqui não tinha como eu usar droga, e perguntando se ele não me dava mais uma chance. No dia seguinte, ele tava aqui na frente fazendo parlatório⁷ comigo. Ele me pediu em casamento e foi onde a gente casou. Até hoje a gente tá junto. Mas antes disso eu fiz o homicídio”.

⁷ No presídio, conversa pelo telefone se olhando por um vidro.

CAPÍTULO 7

Não dá pra imaginar
o que é a cadeia



Vania se mudou para Palhoça novamente, e passou a manguear por lá enquanto vivia nas ruas. Fazia isso por preguiça mesmo de trabalhar, já que o uso de drogas a deixava sem vontade de nada. “Daí eu ganhava miojo, macarrão, leite, bolacha, só coisa boa. Então isso foi viciando também, a gente se acostuma. E eu ia na ‘boca’ e trocava tudo por droga, só um pouco guardava pra comer”. Em mais um dia pedindo coisas para as pessoas, Vania parou em um bar para tomar uma “canelinha”, destilado à base de canela, e conheceu Osni, um senhor moreno e com dificuldade de visão em um olho, de quem ficou amiga.

— Eu te pago uma “canelinha”. Mas vem cá, me conta, por que que você tá assim nessa vida? — interessou-se o desconhecido.

— Ah, senhor, é porque já aconteceu um monte de coisas na minha vida, eu já sofri demais e eu tô cansada. Essa é a vida que eu levo agora. Eu sou uma mendiga, eu sou uma pedinte. — Vania foi sincera, estava realmente exausta.

— Eu tenho uma filha da sua idade e o mesmo bem que eu quero pra ela eu quero pra ti. Eu quero que você conheça ela. Ela separou um saco de roupas pra doação, e eu queria que tu fosse lá em casa pra aproveitar, pegar essas coisas dela. — a ideia de usar roupas limpas fascinou-a.

O bairro Caminho Novo, onde Osni morava, era pobre e lembrava uma favela. A casa era pequena, humilde, cinza, e Vania sentia algo de estranho naquele lugar, como se estivesse preparado para receber algum acontecimento sinistro. Na parte da frente da residência, havia uma grande varanda com piso de concreto, também cinza, onde aconteceu o homicídio. Osni vivia com sua filha, de quem Vania não lembra o nome, e com Marli Maria Soares, uma mulher de 66 anos que ele uma vez ajudou, levou para

sua casa, e não houve mais quem a tirasse de lá, conforme Vania lembra. Para ela, a senhora tinha uma cara de pessoa má, de “quem chupou limão”. Era caucasiana, olhos azuis, cabelos brancos curtos na altura dos ombros e usava boné. “E ela era feroz, ela xingava muito. Parecia um bicho descontrolado. Mais do que eu, tanto que ela conseguiu me descontrolar”.

Quando chegou na casa, Vania foi levada direto para o quarto da filha de Osni. “Era um quarto de princesa! Tinha tudo no quarto. Daí ela me deu um tênis, inclusive o tênis tá aqui, eu vim presa com ele”, conta, rindo. “Me deu um perfume da Natura, me deu maquiagem, me deu roupa. Foi enchendo minha mochila, eu fiquei toda contente. E a senhora do lado me xingando, enchendo o saco. ‘Essa casqueira, esse lixo, essa mendiga, esse demônio...’. E o velho falava: ‘Não dá bola, não liga’. Eu agradeci à menina, perguntei o que podia fazer pra retribuir, e ela falou bem assim: ‘Dá um sacode nessa velha’. Daí eu fiquei naquilo, né. Bem que ela merece, me xingou de tudo...”.

Uma semana depois, no dia 6 de setembro de 2015, Vania passou em frente a uma máquina de frango assado e sentiu muita fome. Três dias só consumindo drogas, sem se alimentar direito. Na hora do almoço, por volta do meio-dia, foi até a casa de Osni, onde ia de vez em quando pegar comida e roupas limpas, chamou e ninguém respondeu. Como não estava trancada, ela abriu a porta e entrou na casa. A cena que viu foi bastante incômoda, e logo quis se retirar. A filha de Osni estava chorando em um canto da cozinha com um lado do rosto muito vermelho e, no outro canto, a senhora sentada à mesa com uma garrafa de cachaça 51 e um copo, bebendo. “Quase que eu pego latrocínio, porque quase que eu roubo a garrafa de 51 dela”, ironiza. Achou que a mulher havia batido na menina. Quando Marli Maria viu Vania, levantou e foi para cima dela, xingando. “Sai daqui, sua casqueira. O que tu quer aqui, seu lixo, sua mendiga, seu

resto de aborto, sua placenta mal parida”, esbravejou. “Bem assim, um monte de nome que eu nem tinha ouvido na vida”, recorda, com tristeza no olhar. A filha de Osni abraçou Vania e pediu que ela ficasse na casa. Nervosa, imediatamente tentou explicar para a senhora que já estava de saída e não queria problemas. “Não, tia, tô indo embora. Só não me toca, não põe a mão em mim’. Pronto, foi a mesma coisa que eu falasse ‘me bate’”.

Ela afirma que Marli Maria a pegou pelo ombro direito, puxou e rasgou sua camiseta, e teve início a luta corporal que só iria terminar com a morte da senhora, porque Vania perdeu totalmente o controle. “Ali eu cheguei no meu limite. A minha vida sempre foi no limite”, olha para baixo lembrando de como se sente quando atinge esse ponto. Quando Marli Maria veio, Vania deu uma rasteira nela e a derrubou no chão. A filha de Osni saiu correndo, não presenciou o assassinato. “Aí tinha um tijolo do lado. Tanto lugar pra ter um tijolo... Eu dei uma tijolada na cabeça dela e o tijolo se partiu em dois. Daí ela ficou se batendo igual uma cobra mal matada e, como eu não gosto de deixar serviço pela metade, peguei uma chave de fenda e atravessei no pescoço dela aqui assim”, indica em seu pescoço a altura logo abaixo do queixo. “De um lado até o outro, e ainda sobrou um tantão assim”, uns cinco centímetros, conforme gesticula com os dedos indicador e polegar. “Não teve barulho nenhum, foi muito rápido. Cheguei, ‘tum’, ‘tchum’, deu. Dois palitos. Bem rápido. Eu saí tranquilamente andando, não senti nada, não fiquei nervosa, nada”.

Na hora, Vania ficou cega para o que estava acontecendo. Estava sob efeito de álcool, mas tem certeza de que nada teria sido diferente caso não estivesse. Ela foi diagnosticada pelo Instituto Geral de Perícias (IGP) e pelo Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) do Presídio de Florianópolis com transtorno bipolar. O distúrbio gera no paciente momentos de extrema

euforia, agitação psicomotora, delírio, intercalados com momentos de profunda depressão, tendência suicida — Vania já tentou se matar várias vezes dentro das cadeias por que passou —, tristeza. Vania deposita na mãe a maior parte de suas frustrações. “Eu culpo a minha mãe por muitas coisas que aconteceram comigo, por hoje eu ser assim do jeito que eu sou. Uma bandida. Acredito que os meus problemas psiquiátricos tenham sido de tanto ela tentar me abortar”, desabafa, com os olhos marejados. No momento do homicídio, Vania estava com a cabeça “a milhão”, sofrendo surto de euforia, e não foi capaz de raciocinar, só conseguiu agir. “E se eu disser pra ti que eu me arrependo, eu tô mentindo, porque eu não sinto remorso nenhum”.

Após o homicídio, Vania conta que seguiu seu caminho e passou na casa de um amigo para usarem drogas juntos. A região estava tomada por policiais, por conta do homicídio, mas Vania circulou por ali tranquilamente. Quando estava fumando com seu amigo e ele ficou “paranoico” com a morte da velha, Vania se irritou e foi embora. “Ah que droga, que piá, não deixa nem eu curtir minha droga em paz, que raiva”, pensou enquanto caminhava por Palhoça, sem rumo certo. Mesmo com as televisões mostrando sua foto como procurada e sendo investigada pelo Departamento de Investigações Criminais (DIC), Vania viveu normalmente — usando drogas e pedindo coisas na casa das pessoas — os quatro dias seguintes ao homicídio. Até que chegou o dia de sua captura.

Ao entrar em uma lanchonete no mesmo bairro do homicídio, no dia 10 de setembro de 2015, Vania percebeu que os clientes que jogavam sinuca e conversavam ficaram paralisados e a encarando com olhares inquisidores. Na televisão de 24 polegadas suspensa no canto do bar, o programa do Hélio Costa era o entretenimento da hora do almoço. A reação das pessoas indicavam a Vania que a matéria com as fotos daquela que o programa chamava de “mendiga

craqueira procurada por matar uma velhinha” tinha acabado de ir ao ar. “Eu quero uma coquinha e uma coxinha”, pediu ao atendente do caixa. “Ele pegou e me deu. Aí eu fui entregar os cinco reais e ele disse: ‘Não, não é nada’. Eu insisti, ele pegou, tremendo, e eu saí olhando pra trás e pros lados, todo mundo me olhando”. “Pernas pra quem tem, hoje vai sujar”, pensou ao sair.

Agora, sim, Vania estava assustada. Foi até a BR - 282 pegar uma carona para Porto Alegre, tentando fugir, mas ainda no Caminho Novo, a polícia a localizou. “Mão na cabeça, mão na cabeça! No chão, no chão! Deita, deita!”, eles disseram. Foi algemada com as mãos para trás e transportada no camburão para o DIC. “Cheguei lá no DIC tinha umas placas assim escrito ‘DIC, DIC, DIC, DIC, DIC, DIC’, cheio de ‘DIC’. Aí o policial, aquele porco nojento, me deu um tapão na cara, me pegou pelos cabelos e me encostou naqueles ‘DIC’”.

— O que que tá escrito aqui? — perguntou o policial, enquanto a segurava pelo cabelo.

— ‘DIC’, senhor. — respondeu, de saco cheio daquela encenação.

— O que que quer dizer ‘DIC’?

— Departamento de Investigações Criminais. — ironizou, alterando o tom de voz, como quem diz: ‘não sou idiota, eu sei onde estou’.

— E tu acha que tem alguém bobo aqui? — continuou o policial, humilhando a suspeita.

— Não, senhor. — Vania queria acabar logo com aquilo.

— Então tu pega esse papel e essa caneta aqui e escreve bem bonitinho o teu nome verdadeiro. Porque até hoje a gente quer botar a mão em você e não consegue porque você usa o nome de Daniela Pereira. Pode falar o teu nome bem certinho. — Vania queria zombar da cara deles. “Quase que eu falei: ‘ué, achei que vocês não eram bobos’, que nem ele falou, né. Mas deixei quieto”.

As passagens registradas no nome de Vania Alexandra de Souza que apareceram no computador da delegacia incluíam assalto à mão armada, lesão corporal grave, tráfico de drogas, homicídio, entre outras. “Daí eles: ‘bingo!’ Ahhh, se acham pra caralho”, diz, rindo. Enquanto estava na delegacia aguardando os procedimentos seguintes de prisão preventiva, Vania recebeu a visita de Hélio Costa e sua equipe. “Oiii, minhaaa queridaaa”, imita a fala de Hélio Costa, com um sorriso divertido no rosto. Ela, então, ajustou sua trança lateral por baixo da touca, arrumou a blusinha preta que vestia e a calça jeans rasgada na altura dos joelhos, amarrou o tênis que a filha de Osni tinha dado a ela e contou tudo, exatamente como aconteceu, para o apresentador. “Pra depois ele colocar na televisão que eu era talarica, que eu matei a velha pra ficar com o velho. Ele inventa muita coisa que não é verdade...”, reclama. “Daí a gente chega na cadeia, as pessoas veem o que ele fala e acham que é real. Aí é onde a gente se ferra, entende?”

O processo de Vania não culminou em julgamento pelo Tribunal do Júri porque, desde o princípio, a única tese da defesa foi a inimputabilidade¹, sendo cabível, portanto, sua absolvição sumária da pena, conforme o artigo 415² do Código Penal. Ela foi interrogada em juízo e confirmou todo o crime de forma tranquila, da mesma forma que conta sobre ele hoje em dia. Sem demonstrar qualquer emoção. Osni e sua filha não foram localizados no endereço

1 Art. 26 Código Penal. Inimputáveis: É isento de pena o agente que, por doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado, era, ao tempo da ação ou da omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento.

2 Art. 415. O juiz, fundamentadamente, absolverá desde logo o acusado, quando: [...] IV – demonstrada causa de isenção de pena ou de exclusão do crime. Parágrafo único. Não se aplica o disposto no inciso IV do “caput” deste artigo ao caso de inimputabilidade prevista no “caput” do art. 26 do Código Penal, salvo quando esta for a única tese defensiva.

onde moravam para depor. Foi fundamental para o caso de Vania o apoio e dedicação da advogada da instituição de trabalho voluntário Pastoral Carcerária, Angela Marcondes. Procurada por ela para ser defendida gratuitamente, já que não tinha dinheiro algum, Angela conversou com Vania, a viu pessoalmente no presídio e identificou na hora que a mulher tinha algum distúrbio psiquiátrico. “Ela não falava nada com nada, vivia fora da casinha, em outro mundo, estava muito magra e com o olhar sempre perdido”, lembra Angela. Foi aí que ela solicitou a instauração do procedimento de sanidade mental no processo de Vania.

Após passar por exames psiquiátricos no IGP, Vania foi declarada inimputável. “Ela foi absolvida da pena e isenta da culpa pelo homicídio por conta de sua doença mental, mas sentenciada a cumprir Medida de Segurança de internação em hospital de custódia e tratamento psiquiátrico ou em instituição semelhante por um ano, prorrogável”, explica a advogada. Ao término do primeiro ano decorrido de sua internação, Vania será submetida a novo exame médico para reavaliar sua periculosidade. Esse é o procedimento padrão para pessoas inimputáveis que tenham cometido crime punível com reclusão, que admite regime inicial fechado, como é o caso do homicídio.

A sistemática de 1984 do Código Penal estabelece a internação, mas há tentativas mais recentes de combater esse tratamento. A Lei Antimanicomial, de 2010, define que não haja mais internação para pessoas inimputáveis, e sim que sejam tratadas pela rede pública de saúde, e a Resolução nº 04, de 2010, do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, estipula o prazo de dez anos (portanto, até 2020), para a extinção dos Hospitais de Custódia. Mas, como afirma a advogada Caroline Kohler Teixeira, da Defensoria Pública de Santa Catarina, o Estado é lento e obstáculos burocráticos retardam o implemento dessa Resolução.

Vania, então, está cumprindo prisão preventiva, em decorrência de sua periculosidade, e por conta de o HCTP não internar mulheres e o Instituto Psiquiátrico de Santa Catarina (IPQ) não aceitar presidiários, nem homens, nem mulheres.

Angela Marcondes afirma que “a Vara de Execução Penal de Palhoça tomou as providências para o cumprimento efetivo da sentença de Vania e conseguiu uma clínica para ela ser internada em Brusque, porém o Departamento de Administração Prisional (DEAP) recuou da decisão e cancelou a ida dela para lá”. A má notícia é que, somente quando ela for internada integralmente em alguma instituição e passar a receber o tratamento específico exigido pela lei para o cumprimento da medida de segurança de internação, começará a contar o tempo de sua sentença. Assim, esse período de um ano e nove meses — até junho de 2017 — que Vania ficou na cadeia não será computado ou deduzido de sua sentença. Ela não sabe disso ainda. “Quando eu sair daqui, eu tenho que ser internada, não posso ficar livre. Mas a instituição para onde eu for vai ser mais um caminho pra minha liberdade, porque lá eu não vou ter algema, não vou ter castigo, não vai ter polícia, então eu já vou estar praticamente livre. Daí eles vão ver qual vai ser a minha atitude estando livre, se eu vou tentar fugir, se eu vou estar agressiva”, Vania arrisca o palpite.

Seu tratamento atual resume-se ao que a lei classifica como “ambulatorial”, outra forma de cumprimento da sentença de medida de segurança para pessoas inimputáveis, que é um encontro semanal com um psiquiatra no HCTP em que ela recebe uma receita de medicamentos para seu transtorno mental. Vania conversa com o especialista e garante que não esconde nada dele. “Eu tenho consciência, eu conto tudo pro psiquiatra, mesmo sabendo que [contar sobre] as brigas na cadeia podem me prejudicar, eu conto. Na verdade, não adianta esconder, porque vai

pro ‘Ipen’ da gente, que é uma ficha carcerária, que vai pro HCTP e pro juiz também. É melhor contar, pelo menos a gente tem a chance de se defender, né, de contar o que aconteceu e porquê”. Vania possui total entendimento de sua condição jurídica e clínica, mas tem certeza que só consegue discernir essas coisas por conta dos remédios que toma diariamente. “A medicação me ajuda bastante, quando não tem [remédio] eu fico muito nervosa, muito agitada. Eu chego a gritar com as agentes: ‘Eu quero meu remédio, eu quero meu remédio!’ Eu tomo todos os dias, de manhã e à noite. Pela manhã, eu tomo Fluoxetina e Depakene. À noite eu tomo três Longactil, dois Depakene, um Diazepan e dois Risperidona”, relata detalhadamente os nomes dos remédios, todos antidepressivos e antipsicóticos fortíssimos. O único efeito colateral indesejado para Vania durante o tratamento foi o aumento incontrolável de peso.

Vania vai e volta do HCTP escoltada pelas agentes. O hospital é um ambiente enorme, com corredores gigantes e cheios de grades trancadas com cadeados e portas de metal. Existe somente um vidrinho para os pacientes, isolados um por cela, olharem para fora. Uma vez por semana, Vania senta-se naquele corredor e fica observando os “loucos” cantarem, gritarem, correrem, se debaterem. “Eu gosto muito de lá”, diz, rindo, mas não tem dúvidas de que, entre o hospital e o presídio em que vive, onde tem contato com outras pessoas e consegue conversar e interagir, prefere ficar onde está.

No Presídio Feminino de Florianópolis, localizado no bairro Agrônômica, próximo à 5ª Delegacia de Polícia de Santa Catarina, na rua Lauro Linhares, os alojamentos são projetados para abrigar uma média de dez pessoas, podendo variar. Atualmente, três dos 11 alojamentos estão com superlotação, segundo informações da administração da unidade. As celas padrão possuem camas, banheiros, televisão, rádio e alguns lanchinhos que as mulheres podem manter ali dentro, como bolachas e chá. A infraestrutura

do presídio conta com biblioteca, sala de aula e uma oficina, espaço para oferecer emprego às reeducandas. Além disso, profissionais de diversas áreas, na condição de voluntários, vão até lá para dar aulas sobre os mais variados temas, cortar os cabelos das presas e realizar assistência social a quem necessita. Sobre políticas públicas específicas para mulheres, Vania afirma que não há. Todas as internas recebem um “kit higiene” por mês que contém seis rolos de papel higiênico, três pacotes de absorvente, escova de dente e creme dental. As mulheres grávidas e os bebês de até seis meses são acompanhados por médicos.

A cela em que Vania vive atualmente é o “convívio”, onde ficam as mulheres consideradas perigosas para as outras presas e que, portanto, são isoladas neste ambiente. O primeiro alojamento em que foi colocada nesse presídio chama-se “clínica”, que abriga as mulheres doentes ou idosas. De lá, ela foi transferida para o “seguro”, em que são alocadas as mulheres condenadas por estupro de crianças e outros crimes hediondos. “Ali foi bom eu ter brigado porque daí eu saí de perto delas, né. Porque eu tava todo dia pensando em fazer uma merda. Todo dia, todo dia, todo dia. Porque B.O.³ com criança é foda, né”, fala, com profunda amargura. Existe ainda a cela de segurança máxima, para até cinco pessoas, onde normalmente são alocadas presas de alta periculosidade ligadas às facções criminosas, a “regalia”, onde ficam as internas que trabalham para o presídio, o “berçário” para as mulheres que têm crianças pequenas e a “maternidade”, que abriga os recém-nascidos.

As brigas com outras detentas e xingamentos às agentes penitenciárias renderam a ela, além da troca constante de alojamento, alguns castigos. No ponto mais alto da construção, onde se chega por meio de escadas e rampas, ficam as celas usadas para punição das

3 Boletim de Ocorrência, termo utilizado aqui para referir-se aos crimes sexuais cometidos contra crianças.

infratoras de normas da cadeia. O “zero” e a “toca” têm a mesma estrutura, com a diferença de que o primeiro tem espaço para quatro a seis pessoas e o segundo, apenas para uma. “Quando eu estou lá eu sinto vontade de morrer e de matar”, recorda, sobre os momentos que passou isolada. “Tenho muito ódio, muita raiva do sistema carcerário. É como se tu fosse um bicho: tu fica trancada, eles vêm, te jogam a comida ali e fecham você de novo. Assim que eu me sinto, como se fosse um bicho... Nem um bicho, porque o cachorro tu solta ele no quintal, faz carinho... A gente não, a gente aqui é esquecida”. Para as presas serem bem tratadas, Vania afirma que só dizendo ‘sim, senhora. Não, senhora’ e aceitando tudo que as agentes fazem ou falam. Têm que ser submissas, porque quanto mais batem de frente, mais complicações arranjam para si mesmas. “A cadeia é um inferno na Terra, tu não imagina o que é a cadeia. Não dá pra imaginar, só quem passa pra saber”. A única válvula de escape de Vania é o marido Dilson, cujo nome foi tatuado com agulha de costura e tinta de caneta, no fim de março de 2017, em seu antebraço direito. Exceção à regra, Dilson visita Vania toda semana no presídio, desde que ela não esteja no castigo.

Dilson é manobrista de carros e vigia de estacionamentos. Apesar de ter familiares em Florianópolis, vive sozinho no bairro Santa Mônica, onde consegue ficar mais perto de Vania para visitá-la. Quando foi presa, em outubro de 2015, Vania queria a chance de ter um companheiro e mandou uma carta para o Centro Pop⁴. Uma assistente social da instituição localizou Dilson, comunicou sobre o contato de Vania e ele imediatamente foi até o presídio conversar com ela. “Porque ele me ama! Ele me faz muito, muito bem. Sem ele, aqui na cadeia eu não seria nada. Ele me sustenta aqui dentro, não deixa faltar uma sacola pra mim”, o olhar sereno demonstra

4 Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua, da Secretaria Municipal de Assistência Social de Florianópolis.

sua afeição pelo marido. “Quando eu sair em liberdade, vou morar com ele, eu não quero sair de Floripa. Eu amo essa cidade, é linda! Apesar de ter me acontecido algumas coisas ruins aqui, eu tenho mais que agradecer a esse lugar do que amaldiçoar. É a Ilha da Magia!”.

Vania afirma que não sabe como será seu fim. “Às vezes eu sonho em sair daqui, às vezes eu penso em suicídio... Direto. Descansar, ter paz. Às vezes eu penso muito na morte, penso que é um descanso. Eu até arrumei uma frase pra mim: ‘Morte é libertação e o inferno tá bombando’”, declama, com um largo sorriso no rosto.

EPÍLOGO

Sonhar é preciso

Vania tem esperança de uma vida melhor fora da cadeia, mas acredita que nunca mais vai conseguir ser a mesma pessoa.

— Você acha que pode voltar a cometer algum crime? — pergunto.

— Eu não sei se eu não mataria de novo alguém. Porque depois que a gente mata um, mata dois, mata três... a gente se acostuma. A vida do ser humano é muito frágil. Se a gente soubesse o quanto é fácil morrer, a gente dava mais valor à nossa vida. É tão simples tu matar uma pessoa. É tão fácil. — a fala tranquila demonstra sinceridade. — Meu Deus, é muito fácil. Chega ali, dá uma chave de fenda no pescoço, já era. Dá uma tijolada na cabeça, já era. Dá uma facada no peito, já era. Então eu não sei se, com todos os problemas que eu tenho, com todo o sofrimento que eu passei na minha vida, se alguém vier me “tirar pra nada” eu vou tentar matar de novo.

Isso não é algo que Vania planeje, apenas reconhece que não é impossível de acontecer. “Mas a minha intenção é mudar de vida. Quando sair em liberdade, eu vou procurar uma ajuda espiritual também. Porque eu acho que eu sou influenciada por fortes obsessores, que eu tenho algum inimigo espiritual lá do passado que tá tentando fazer de tudo pra me atrasar nessa vida. E tá me atrapalhando”. Ela pensa em formar uma família com seu marido e fazer um tratamento no Caps¹. Dilson ainda não tem filhos e Vania quer ter mais um, com ele. Quer um menino e acha que vai chamá-lo Jonas. Além disso, quer visitar o filho Jorge, que escreve para ela na cadeia uma vez por mês, e localizar Joana nas redes sociais para manter contato com os dois.

Jorge e Joana são os únicos motivos de seus arrependimentos na vida. “Eu me arrepenho das coisas erradas que eu fiz pra ter ficado longe dos meus filhos, entende? Só por eles. Não que eu

¹ Centro de Atenção Psicossocial.

tenha me arrependido de matar o Madalena, não que eu tenha me arrependido de matar a coroa. Não me arrependo. Porque foi o mundo que me deixou assim, que me transformou nisso que eu sou hoje. Eu só me arrependo do tempo que fiquei longe deles”. E esse tempo foi essencial para Vania aprender algumas coisas sobre a vida. Ela agora diz entender que não é matando que se resolve as coisas, que sempre há uma saída para tudo sem precisar recorrer à violência. “Se a gente saísse matando todo mundo quando tivesse cheio de problema, meu Deus, não haveria cadeia pro mundo inteiro”.

— Se você pudesse, teria feito algo diferente? — questiono.

— Teria. — responde rápido, sem hesitar.

— O que?

— Eu teria mudado a minha história.

— E como seria a tua história?

— Eu seria uma costureira normal, uma menina que estudasse, que casasse, que formasse uma família, que vivesse normalmente. Apesar de toda a marginalidade que eu vivi, eu tive chance pra isso. Porque quando eu trabalhava como costureira, lá entre 2000 e 2004, eu tinha a chance ainda de ser alguém. Mas infelizmente eu me entreguei às drogas. Se eu pudesse voltar naquele tempo, eu voltava. Naquele tempo que eu trabalhava, que eu não tinha filhos, que tinha oportunidade de conhecer uma pessoa, de recomeçar a minha vida.

A existência da população carcerária é ignorada pela maior parte dos brasileiros, que fecha os olhos para presidiárias e presidiários. Vania, como parte desse segmento invisível da sociedade, agradeceu, ao fim de nossos encontros, por ter sido ouvida e enxergada como um ser humano, com um olhar de valorização de quem ela é. “Eu

quero agradecer por tu se interessar pela minha vida, pela minha história. Obrigada pela atenção, obrigada por realizar meu sonho de escrever um livro. Eu tô me sentindo muito bem. Porque algo me disse, assim, que a Bruna Surfistinha ganhou dinheiro com aquelas historinhas falcatrua dela, então tu imagina eu com as minhas histórias reais, né, de uma mulher sofrida e presidiária. Esse sonho que eu tive foi de escrever um livro, de ter alguém que escutasse a minha história e pudesse publicar. Esse foi um sonho. Então sonhar é preciso, né, vai que dá certo”.

ADV: ÂNGELA CONCEIÇÃO MARCONDES (OAB 31700/SC)
Processo 0006032-18.2015.8.24.0045 - Ação Penal de Competência do Júri - Homicídio Simples - Autor: M. P. do E. de S. C. - Réu: V. A. de S. - Vítima: M. M. C. S. - FACE AO EXPOSTO, JULGO IMPROCEDENTE a denúncia e, como consequência, **ABSOLVO SUMARIAMENTE** a acusada, VANIA ALEXANDRA DE SOUZA, com base no art. 26, caput, do Código Penal e art. 386, VI c/c art. 415, parágrafo único, do Código de Processo Penal. Contudo, diante da comprovação da materialidade e autoria do crime a ela imputado, bem como das respectivas qualificadoras, imponho **MEDIDA DE SEGURANÇA**, consistente em **INTERNAÇÃO** em hospital de custódia e tratamento psiquiátrico ou, na falta dele, em outro estabelecimento adequado, pelo prazo mínimo de 1 (um) ano, findo o qual deverá ser realizado novo exame médico legal. Para que seja indicado o local adequado de internação da acusada, onde deverá ficar custodiada pelo Estado, oficie-se à direção do DEAP para resposta em 10 (dez) dias. Caso não haja estabelecimento de custódia e tratamento psiquiátrico neste Estado apto a receber pessoas do sexo feminino, a direção do DEAP, no mesmo prazo, deverá indicar estabelecimento congênere em outro estado e arcar com os custos da internação da ré. Até que seja encontrado o local adequado - o que deverá se dar no prazo máximo de 45 dias - a ré deverá ser mantida presa no local onde se encontra, tendo em vista que patente é sua periculosidade, ainda mais enquanto moradora de rua, usuária contumaz e nociva de drogas, sem realizar o tratamento adequado. Sem custas. Os bens apreendidos nos autos constantes do ofício de fls. 191 deverão ser encaminhados para destruição. Transitada em julgado a sentença: a) comunique-se a Corregedoria-Geral da Justiça e o Tribunal Regional Eleitoral; b) providencie-se a execução da medida de segurança, expedindo-se o procedimento respectivo, que deverá ser encaminhado à Vara competente para sua execução; c) cumpridas as formalidades legais, arquivem-se os autos com as devidas cautelas. Publique-se. Registre-se. Intimem-se, a acusada por seu curador, pessoalmente.

Até a apresentação deste livro, 26 de junho de 2017, Vania Alexandra de Souza cumpria pena, em situação ilegal, no Presídio Feminino de Florianópolis há um ano e nove meses. A Secretaria de Justiça e Cidadania (SJC) ainda estava em processo de verificação de verbas para transferi-la para alguma clínica de reabilitação que tivesse vaga para ela.



Morte é libertação e o inferno tá bombando.

“Naquela manhã de segunda-feira, Vania não tinha aula e não estranhou quando a mãe alcoólatra, que acordava já procurando a bebida, pediu que fosse buscar café na casa do vizinho. A violência que sofria diariamente não diminuía sua obediência e respeito pela mãe. Então, como sempre fazia o que Euda lhe pedia, foi até a casa do homem. Quando chegou lá, deu três batidinhas na porta com a mão que não segurava a caneca e perguntou ao Divonzir se ele tinha café. O homem alto e gordo deixou a porta entreaberta e pediu que ela entrasse. Foi somente depois de já estar no recinto que a menina viu: Divonzir estava totalmente sem roupa esperando por ela. Ele a agarrou com os braços fortes e tentou estuprá-la enquanto ela sacudia seu corpo virgem e magrelo para se desvencilhar. Conseguiu escapar e foi correndo para onde acreditava — não sabia porquê ainda acreditava nisso — que estaria protegida.”